

# PARA QUE PODE SERVIR A MEMÓRIA: A INTERVENÇÃO DE MÁRIO DIONÍSIO NO PÓS 25 DE ABRIL



por **Eduarda Dionísio**

**17 de Junho às 18h30**

**sábado**

no **Teatro da Cerca de São Bernardo\***  
**Coimbra**

ciclo um homem na revolução

Para facilitar e ampliar uma eventual leitura:

1. Este texto serviu de base a uma intervenção em Coimbra, no Teatro da Cerca de São Bernardo, que nos abriu as portas, incluída no ciclo «Um homem na revolução» que a Casa da Achada-Centro Mário Dionísio realizou entre Abril e Junho de 2017. Estão aqui escritas coisas que não foram ditas na sessão e não estão algumas que foram ditas. O mesmo acontece com as imagens – projectadas a cores lá, impressas a preto e branco aqui.
2. Este texto resulta sobretudo dum trabalho de Arquivo (de Mário Dionísio e de Maria Letícia) que o Centro de Documentação da Casa da Achada tem continuado, a partir da catalogação iniciada por Natércia Coimbra e Maria Letícia antes da existência da Casa da Achada.
3. Daí, a necessidade sentida de mostrar documentos (mesmo quando ilegíveis, dada a dimensão em que aparecem aqui), pelo meio do que se escreveu e disse, e de usar, quando possível, os próprios originais de textos em vez de os trans-crever – ou dactilografados e emendados por Mário Dionísio ou impressos em jornais e revistas, sobretudo.
4. O número exagerado de notas de fim de página (220) prende-se também com isto. Um dos objectivos da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio é tornar vivo o Arquivo. Ou seja: pô-lo à disposição de quem dele precisar ou por ele se interessar. Estas notas todas (além de dizerem que o que está escrito aqui não foi imaginado) pretendem facilitar o trabalho de quem vier a seguir – uma hipotética consulta, que poderá ser por simples curiosidade. Uma maneira de «ampliar a leitura».
5. Muitas vezes os nomes próprios reduziram-se às iniciais, sobretudo no caso de Mário Dionísio (MD). Não há qualquer razão para isso. Só a pressa e o espaço... e a pre-guiça de quem escreveu.
6. As aspas habituais nos títulos de artigos e nas citações foram substituídas por bolds. Só para encurtar um pouco o texto e o tornar mais legível.
7. Esperamos com este trabalho contrariar a prática da «propriedade» das «figuras públicas» e das «ideias feitas», que se vão transmitindo. A bom-entendedor meia palavra bastará. ED

Antes de começar:

## 1.

Há quem pergunte, mesmo na Casa da Achada-Centro Mário Dionísio: **mas que fez MD depois do 25 de Abril?** Quando ainda viveu quase 20 anos depois desses dias para ele «impossíveis de contar»<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Mário Dionísio, *Passageiro Clandestino* (Diário inédito)

+ Dias impossíveis de contar. Não há tempo para isso. A multidão misturada com os soldados e marinheiros. Cravos (onde nasceram tantos cravos?) nas espingardas e nas mãos de toda a gente. Telefonemas, abraços, o "viva Portugal" por toda a parte. Um país diferente. Toda a gente fala com toda a gente, esfusiante, sem medo. A caça aos Pides. A libertação dos presos de Caxias, o regresso dos emigrados (Mário Soares, primeiro, Alvaro Cunhal depois, Piteira Santos, tantos mais). Começam as reuniões por toda a parte. No Liceu de Camões realizamos a primeira reunião de apoio ao Movimento. Vamos entregar à Junta de Salvação Nacional o nosso documento. Começamos a organizar-nos. Não paro mais (30.4.74)

Se não foi deputado nem pertenceu a nenhum partido (saiu do PC em 1952, não voltou a entrar, nem escolheu outro quando já havia tantos...)

Se não teve nenhum cargo importante (e até por 2 vezes recusou ser Ministro da Educação em 2 governos provisórios quase opostos) e o pouco (ou nada...) que fez para a mudança do ensino, logo em 1974, para outros virem a fazer uma verdadeira reforma, foi quase tudo destruído, imediatamente ou dali a uns anos.



2

Se não entra na história da educação em Portugal nem nos estudos universitários disto ou daquilo... Se nem sequer há uma escola com o seu nome....

Se se demitiu rapidamente de quase todos os pequenos cargos que aceitou – saneamento, direcção de programas da RTP – e foram as ideias contrárias às suas que vingaram nestas duas áreas, que parecem tão diferentes e que têm tanto em comum.

<sup>2</sup> Manuela Alves, «25 de Abril chega ao ensino», *Diário de Lisboa*, 30/10/1974- RI-SA-5-Doc188



Se não teve nenhum programa televisivo depois do 25 de Abril, ou aparições frequentes no ecrã, ao contrário, por exemplo, de Ministros do Salazar, que não foram «saneados» (antes pelo contrário, perpetuados como intelectuais, que a política é outra coisa...) ou de candidatos a presidentes da república ou de jovens e belos jornalistas que, alguns, se fizeram escritores... Se teve poucos prémios, se nunca foi best-seller, se mesmo quando passou a ser «pintor a tempo inteiro» (como ele diz), nunca entrou numa lista de pintores (a referir ou a estudar, ou a olhar, ou a ver).



Se não foi catedrático nem doutor honoris causa, apesar de ter ensinado uns anos numa Faculdade. Se não tem nenhuma medalha (que, aliás, foi em seu nome recusada pela mulher pouco tempo depois da morte dele). Se, se, se ....

**Então que fez MD depois do 25 de Abril?** Foi por causa dessa pergunta que nem sempre se faz em voz alta, mas que se tem muitas vezes debaixo da língua, que «enfiei» como 5.º ponto numa intervenção que me senti obrigada a fazer, há uns meses, num Congresso que houve sobre Mário Dionísio, por altura do seu centenário, a intervenção que teve depois do 25 de Abril. Chamei-lhe «capricho» (num sentido que era o dele), na sequência de 4 outros «caprichos», que podem parecer sem relação, mas que têm afinal bastante: o interesse por Fernando Pessoa, a «paixão» do ensino, o «amor louco» da pintura, a certeza de que «sem forma não há conteúdo».

<sup>3</sup> Diário Popular, 10/1/1975 - RI-DA-4-Doc50

<sup>4</sup> Diário de Lisboa, Lisboa, 5/4/1976 - RI-SA-5--Doc171

<sup>5</sup> Fernando Assis Pacheco, «O amor louco de pintar», O Jornal ilustrado, 27/10/1989 - RI-DA-4-Doc9

Regresso a esse 5.º capricho – que não tive tempo para tratar nesse Congresso – agora num ciclo de três meses chamado «Um homem na revolução» que a Casa da Achada-Centro Mário Dionísio está a fazer, dentro e fora de portas.

Neste caso, talvez o «capricho» maior seja, o lugar que a memória ocupa numa intervenção prática e imediata, permanente, que ele foi tendo, sobretudo até 1980 (para ele, acabou a revolução com a vitória da AD em Dezembro de 1979).

3.12.79

Deitámo-nos às 5 e meia da manhã. Toca a noite agarra-  
dos à TV, assistindo à rápida derrocada do 25 de Abril.  
Cinco anos de asneiras, incluindo a ausência total de  
uma obra cultural que desse um mínimo de esclarecimento  
a um novo secularmente mergulhado na mais completa igno-  
rância, ~~mas~~ deram isto. Estiveram connosco a Lurdes e  
o Afonso. A desventura aproxima. Porque o resultado, no  
lo menos para mim, estava de há muito previsto. Ignorân-  
cia do novo + aliança da direita + divisão crescente da  
esquerda só podia dar – e o mais legalmente possível...-<sup>6</sup>

Mas também depois do fim da revolução, mesmo quando oficialmente se tinha recolhido aos seus pincéis (e às exposições individuais, que iniciou aos 73 anos de idade) e quase deitado fora a caneta, melhor dizendo a máquina de escrever (que já era eléctrica – ou talvez electrónica – não sei<sup>7</sup>).



<sup>6</sup> Mário Dionísio, Diário inédito

<sup>7</sup> Ver «Passageiro Clandestino, 9/2/1971», fac-símile publicado em *Postas de Pescada*, n.º 9, Nov. 2016

<sup>8</sup> «Mário Dionísio abre inquérito literário no DN: Recusar o “marketing” é hoje um luxo» - «Já não escrevo», *Diário de Notícias*, 19/5/1991

## 2.

Para simplificar, podemos reduzir a três áreas, nem sempre fáceis de destringir, este «capricho» de Mário Dionísio: intervir, e sempre com a memória dentro. Talvez para que alguma justiça se fizesse, para ajudar a que o passado não regressasse (pelo menos tão depressa), para influenciar quem andava a «fazer coisas» mais visíveis ou de outras maneiras.

**A primeira:** os muitos textos publicados sobre pessoas e acontecimentos passados e a presença e intervenção em sessões sobre pessoas ou acontecimentos que mereciam ser conhecidos (e reconhecidos), muitas vezes «homenagens».

**A segunda:** alguns cargos oficiais – de emergência – que acabou por aceitar: a Comissão de Estudo da Reforma Educativa e a Comissão dos Textos de Apoio que decorreu da anterior (foi presidente das duas), a Comissão de Saneamento e Reclassificação do Ministério da Educação (de que foi vogal), a Direcção de programas da RTP.

**A terceira:** a participação em iniciativas a convite de organizações partidárias, nomeadamente do PCP e dos seus variados heterónimos, sobretudo entre 1976 e 1978, tempo do «regresso aos quartéis» (e à normalidade).

No Arquivo **de alguém que não consegue intervir sem usar a memória**, há muitos elementos que ajudam a perceber **qual** memória, e **como**, e **porquê**, e **para quê**. Fáceis de encontrar. É preciso é ter paciência... São mais de 1500 recortes de imprensa reunidos em 19 dossiês de recortes e muitos outros incluídos em dossiês temáticos, correspondência, notas soltas e narrativas (sobretudo nos diários), publicações várias.

O que também se vê no que fez e pintou, e não só no que ficou escrito. **Escrever, pintar, fazer** – tudo (ou quase) para Mário Dionísio formas de intervenção, e não muito diferentes.

## 3.

E, por razões que não são só o tempo vivido (quando se dá o 25 de Abril, MD já tem 57 anos, está na 3.<sup>a</sup> idade, pelo menos tal como as juntas de freguesia a entendem...), é **uma característica sua muito mais visível a partir do 25 de Abril**.

E são mais visíveis também os campos, as maneiras, as razões – talvez diferentes mas complementares – do seu uso.

E que, também para facilitar, reduzirei também a três:

**1. A memória pode servir para fazer dos mortos gente viva.** Não se trata, pois, de ter saudade deles (mesmo quando é natural que se tenha...)

«**Fazer dos mortos gente de hoje**» é o título de um depoimento de MD, de 1980, a propósito dum programa de televisão de Joaquim Letria, onde Helder Costa já fazia entrevistas a

personagens históricas antigas – programa que ele defende, com reservas –, dado à revista *História*, insistindo em que não é historiador.<sup>9</sup>

**2. A memória pode servir para destruir mais eficazmente o passado.** Ou seja: para fazer o contrário do que já se fez, e mal. E não continuá-lo.

É no capítulo da educação que isto é particularmente evidente. Quando pedem a MD para contar histórias do tempo de estudante de liceu (escrever memórias, portanto) para um boletim de «antigos alunos» dum liceu onde andou (o que MD não aprecia particularmente, por ver nesses pedidos e nos textos que deles surgem formas de «saudade»), MD descreverá com bastante humor os seus professores, para concluir: **«Talvez sem alguns daqueles professores que me couberam em sorte não tivesse nunca compreendido inteiramente como não se deve dar uma aula...».**<sup>10</sup>

O que retoma, depois do 25 de Abril, em «O quê? Professor?!», capítulo de um livro que começou e não acabou: **«ter tido maus professores e ter sido (por isso?) um aluno mais ou menos medíocre em quase todo o curso do liceu ajuda muito, pela negativa, a descobrir como se deve proceder. «A experiência mãe de todas as coisas» era a verdade que eu começava a sentir por dentro, antes de saber que alguém a tinha proclamado séculos antes. faltava-me acrescentar-lhe: e a reflexão sobre ela, incluindo o confronto com a alheia».**

E conta, nesse mesmo capítulo, em grande parte de «memórias», a sua primeira experiência que foi utilizar a memória para a renegar, ainda adolescente, quando já dava explicações para ganhar a vida: **«O que eles [explicandos] queriam, claro (e para isso os pais pagavam), era que lhes fizesse os trabalhos para o dia seguinte, os preparasse para a «chamada» à porta, os levasse a alcançar (enquanto a família, por seu lado, tentava mexer as influências possíveis) a «nota» de passagem. Mas aí comecei a resistir, a confrontar e a tentar um «método» bem simples, que era o de proceder com eles exactamente ao contrário do que tinham procedido comigo: não fazer decorar, mas tentar que compreendessem o que eu aliás decerto dificilmente então explicava, não lhes fazer os trabalhos, mas conseguir, amavelmente ou à má cara, que eles os fizessem. Nem sempre dava resultado. Mas muitas vezes dava. Sobretudo quando, apelando para a minha própria experiência relativamente recente, lograva localizar com certa precisão a origem das dificuldades.»**<sup>11</sup>

**3. A memória não é o contrário do futuro. Pode servir, se usada de certa maneira, para aproximar da utopia,** um motor da vida de Mário Dionísio.

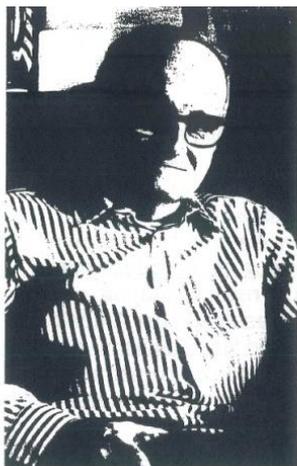
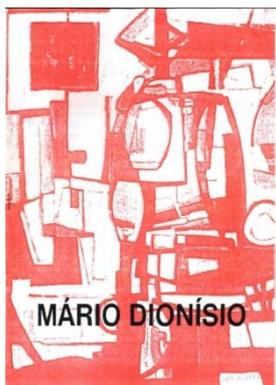
Em 1988, quando a revolução já terminou há vários anos, MD dá com poucos meses de diferença, duas entrevistas a dois jornais bem diferentes e a pessoas bem diferentes. Nos dois

<sup>9</sup> *História* n.º 19, Mai. 1980 - PP029. A-Arm1-Cx.48-H

<sup>10</sup> MD, «Memória desconexa», *Antigos Alunos do Liceu Gil Vicente*, Maio 1962 - PP051. A-Arm1-Cx.53-GV

<sup>11</sup> MD, *Reflexões de um professor sobre escola e socialismo*» (livro inacabado) – Cx. 5. O capítulo «O quê? Professor?!» foi publicado (*O quê? Professor?!*, Abril em Maio, 2001, col. Textos Roubados n.º 2 - A-1-2-19; *O quê? Professor?!*, c./ nota introdutória de Rui Canário, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, 2015, col. Mário Dionísio, n.º 8 - A-2-3-57)

casos, a palavra «utopia» aparece no título – não foi MD a dá-lo: «**Não se pode viver sem utopia**»<sup>12</sup> e «**Não percebo como é que se pode viver sem utopia**»<sup>13</sup>



## Não se pode viver sem Utopia

**Mário Dionísio**  
 Entrevista por Francisco Louça  
 Combate Julho/Agosto de 1988

que podem ou se atrevem a olhar para as suas continuidades, a fazer um balanço e a formar esta opinião: hoje não faltam motivos para continuar. Esta é a história de muitas histórias-conta-as Mário Dionísio, ao fio de uma entrevista, tanta coisa que ficou no gravador. E por aqui passam as pinturas de Picasso e Matisse, a defesa de Madrid, Alberti e Virginia Woolf, Marguerite Duras e Proust, alguns escritores amaldiçoados por uma ortodoxia que nada consegue apredar: alguns militantes que sempre o foram e outros que mudaram de lado; um pouco da Censura e muito da didadura, e uma enorme, permanente, esperança de que tudo sirva para alguma coisa. "Já não confio na influência da arte sobre o público", diz, meio a sério, meio em interrogação-mas quem podia supor, ao vê-lo entre quadros e pincéis, entre projectos e livros, depois de uma Autobiografia que não foi o ponto final para coisa nenhuma? Recusou duas vezes ser ministro. Claro está. Pintor, mais que romancista, amante do acto de pintar, mais do que do quadro, como se apresenta, nunca foi um espectador, na política como em tudo; actor, autor, protagonista de tantas histórias como estas que aqui lhe vamos ouvir. Mário Dionísio não desiste e daí um realismo que perfurou a carcaça do "realismo socialista", já lá vão mais de 40 anos, um realismo que defende a arte moderna, que acarinha o traço abstrato, que revela o sentimento, que recusa o mecanicismo. Para a arte, todo o assunto é assunto, mas é sempre preciso ver claro. Ver claro. "Mas como se pode viver sem utopia?", pergunta-nos. Ouçamos-lhe o sonho e as mãos.

ENTREVISTA 10-12-88 9

**MÁRIO DIONÍSIO**  
 Em vésperas de uma exposição retrospectiva de pintura

### Não percebo como é que se pode viver sem utopia

«Nos caminhos do amor atravessamos fronteiras de isolamento»  
 — Mário Dionísio

Mário Dionísio — pensativo, e porque o pensamos, assim o julgamos e deixamos escrito — reflicte, com impressionante fidelidade, a representativa imagem do homem do Renascimento, de um novo Renascimento.

Antes de quaisquer outras considerações, regressamos a 1966 e a um texto de Urbano Tavares Rodrigues sobre «A Obra de Mário Dionísio» e intitulado «Memória dum Pastor Desconhecido». «Após um silêncio de quinze anos, Mário Dionísio torna à poesia. O investigador do neo-tradido, o poeta intencional, mas subtil, de "O Dia Cinzento" — admirável expoente de virtualidades psicológicas e estéticas incalçavelmente abandonado pelo autor e esquecido pela crítica literária —, o emérito, não justifica e amplamente conagrado, de "A Paleta e o Mundo", rompe, pelo menos na aparência, com a tradição da poesia intervencionista (que é já também uma tradição), pulante, vive em "As Solicitações e Emboscadas" e "O Rio Diamante", e brada-se com um curioso longo poema, sobre a sua obra-prima de artefice ainda, e sobretudo agora, pleno de seiva, de vivência, de amargos desencantos, de momentos e instantes anécdotas, e não o esquecimento, de esperança pública, difícil mas persistente, na sociedade futura a que ficaram a dever aqueles seus primeiros versos a paixão e o amor.»

A transição foi longa, mas com ela quisemos deixar bem sublinhada a actividade de Mário Dionísio (e não só, como é evidente) como ficcionista, pintor, investigador, poeta, ensaísta, professor, conferencista e cidadão — o intelectual que pediu a palavra e à cultura a sua eficácia e complexidade na história, e ao homem o que ao homem ainda lhe pertence: o seu direito ao sonho, ao amor e à esperança, à poesia e à pintura a própria vitalidade do seu mistério e testemunho.

«Abro a janela ao meu vizinho e sinto abri-la em mim suavemente o sorriso velado que arte nele»

<sup>12</sup> Entrevista a Francisco Louçã (Combate, Jul.-Ago. 1988), reeditada numa edição Combate, c./ texto de António Pita, em homenagem a MD, na altura da morte de MD.

<sup>13</sup> Entrevista a Miguel Serrano e José Jorge Letria (O Diário, 10/12/1988), a propósito da 1ª exposição individual de pintura que MD fez aos 73 anos.

Começando agora:

# 1.

## A memória pode servir para fazer dos mortos gente viva

não se tendo saudade deles (mesmo quando se tem)

É que o presente não é o mesmo para quem conheceu pessoas desaparecidas (ou esquecidas ou transformadas) que foram marcantes (mesmo que noutra conjuntura) e para quem não as conheceu. Falar delas é uma forma de metê-las no presente de quem não as conheceu e alterar-lhes talvez o presente.

São muitos os textos escritos sobre pessoas, umas e não outras, que conheceu de perto, em circunstâncias várias, com que fez muita coisa ou alguma coisa, com quem conviveu, pelo menos. Bastantes ex-camaradas do PCP, donde tinha saído em conflito em 1952, ou das lides neo-realistas, também conflituosas. Fala deles quando são um «exemplo» que faria falta, que fariam falta a quem não pudesse, como ele, «viver sem utopia».

Em Dezembro de 1979, uns dias depois da vitória da AD (ver p. 3), 30 anos depois da morte de **SOEIRO PEREIRA GOMES**, sobre o qual tinha escrito, logo em 1942<sup>14</sup>, e em 1952<sup>15</sup>, precisamente na altura em que estava a sair do PCP, MD aceita pertencer à Comissão de Homenagem a Soeiro Pereira Gomes, organizada pelas edições *Avante*. Faz uma intervenção na SNBA, que o *Diário de Lisboa* publicará e de que o *Avante!* publicará extractos (com o título **A entrada do trabalho operário na literatura portuguesa**). Aí se fica a saber que o poema do *Riso Dissonante* «quando a notícia correu» é sobre a morte de Soeiro Pereira Gomes, quando os dois estavam no PCP, numa parte do discurso, que, aliás, o *Avante!* não publicou.<sup>16</sup>

O *Avante!* publicará textos de outros autores, que MD sublinhou muito. E sublinhar nestes casos é discordar ou pôr em dúvida. Na margem dum recorte do anúncio da sessão, fez anotações com o título «Motivo de Reflexão». É que o recordar e o homenagear servem também para defender ideias e dar o seu a seu dono, pôr os pontos nos ii. Sobretudo numa altura em que os «revolucionários do 26 de Abril» têm o caminho facilitado e a situação é

<sup>14</sup> MD, «Ficha 2», *Seara Nova*, 28/2/1942 - RI-DA-1-doc5. Sobre *Esteiros*.

<sup>15</sup> MD, «*Engrenagem*, por Soeiro Pereira Gomes», *Vértice*, Abr. 1952

<sup>16</sup> MD, «Na homenagem a Soeiro Pereira Gomes», *Diário de Lisboa*, Lisboa, 26/12/1979 - RI-DA-3-Doc63 - Discurso na SNBA em 20/12/79. MD, «A entrada do trabalho operário na literatura portuguesa», *Avante!*, 27/12/1979 - RI-DA-3-Doc64 – Extractos do discurso na SNBA em 20/12/79, publicado em página de homenagem a Soeiro Pereira Gomes. Os restantes discursos têm subl. MD. «Sessão na SNBA evoca Soeiro Pereira Gomes», *O Diário*, 20/12/1979 - RI-SA-5-Doc127. Sessão organizada pelas Edições *Avante!* na SNBA em que MD foi orador. Na fl. do rec. anot. ms. MD c./ o título «motivo de reflexão». «Sessão comemorativa do 70.º aniversário do nascimento e 30.º da morte de Soeiro Pereira Gomes», in *O Diário*, Lisboa, 20/12/1979-RI-SA-5-Doc127

aquela do regresso a certo passado, o que «enoja» MD, como manifesta em vários poemas de *Terceira Idade*.

*quando a notícia correu  
de coração em coração  
as ruas ficaram geladas  
as casas ficaram geladas*

*cada um tentava imaginar  
entre os punhais do desespero  
a última vez que o vira  
a última vez que o ouvia*

*a última esquina o último nome  
o último gesto a última palavra  
o último olhar do companheiro  
a última lição do companheiro*

*e tu que só lhe conhecias  
um pedaço do rosto e tu do riso  
sentiste à volta a mesma solidão  
a mesma desolada solidão*

*oh um minuto apenas um minuto  
abandono das horas desgraçadas  
põe-nos a mão de ferro sobre os  
ombros  
o desespero do luto sobre os ombros*

*de pé bebo no choro inconformado  
a tormentosa rebeldia amarga  
que entre lágrimas nasce  
que entre lágrimas cresce*

*homens casas árvores caminhos  
para um breve instante  
varrei as ruas de silêncio  
chicoteai as ruas de silêncio*

*uma bandeira negra de silêncio  
desfraldai sobre as casas  
que este silêncio fala  
que este silêncio arde*

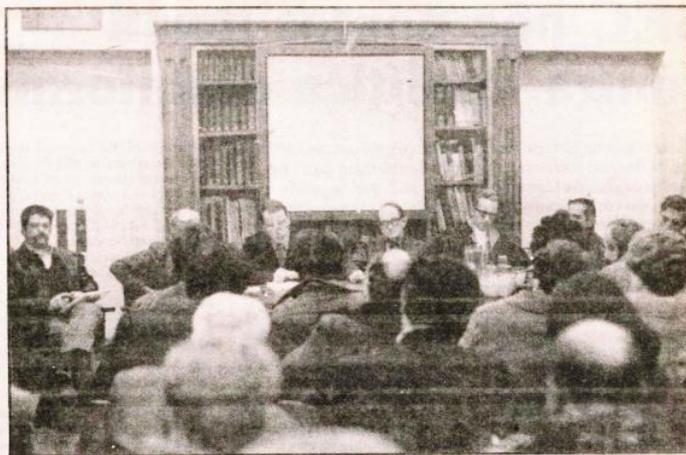
## Cultura, espectáculos, informação útil

Página 23

### Soeiro Pereira Gomes homenageado na SNBA

A obra de Soeiro Pereira Gomes dá "uma nova imagem do povo e uma nova imagem das relações complexas do indivíduo com a sociedade" - afirmou Alvaro Pina, na sessão comemorativa do 70.º aniversário do nascimento e 30.º da morte daquele escritor comunista, que decorreu, na quinta-feira, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa.

Alexandre Babo, Alexandre Cabral e Mário Dionísio, contemporâneos



Flagrante da homenagem a Soeiro Pereira Gomes, quando Alvaro Pina usava da palavra

## A entrada do trabalho operário na literatura portuguesa

Meus amigos: quero dizer-lhes, com toda a lealdade, que hesitei em aceitar o generoso convite para participar nesta sessão. Por razões militicas: estamos bem longe,

modo mais de viver para o futuro. Não sei, assim, evocar Pereira Gomes sem evocar também toda uma época: a do surto do movimento neo-realista.

se integrou Soeiro Pereira Gomes de maneira original e decisiva. Não só participando na actividade do grupo Vila-Franca e alargando-o a Alhandra, onde ajudou

também a uma análise mais profunda e rigorosa, que seria descabida aqui, até por falta de tempo.

Todos sabemos que a alteração

de observação nada vulgar. É a entrada do mundo do trabalho operário na literatura portuguesa. (...) Não penso que os seus contos, de inegável valor

RI-DA-3-doc 63-001

# NA HOMENAGEM A SOEIRO PEREIRA GOMES

Palavras pronunciadas por Mário Dionísio na sessão realizada na Sociedade Nacional de Belas-Artes, na noite de 20 de Dezembro, por ocasião da comemoração do aniversário da morte de Joaquim Soeiro Pereira Gomes e da edição em volume, da sua *Obra Completa* pelas «Edições Avante!». Na sessão falaram, também, os escritores Alexandre Babo, Alvaro Pina e Alexandre Cabral. Seguiu-se um breve debate sobre a obra de Pereira Gomes e os inícios do «Movimento neo-realista».

Meus Amigos: Quero dizer-lhes, com toda a lealdade, que hesitei em aceitar o generoso convite para partici-

... e simultaneamente surgido, como tal, em muitos lados - Lisboa, Porto, Coimbra, Vila-Franca, Alhandra, Santiago do Cacém - desde logo se integrou

Relendo esse velho escrito, levantam-se-me dois pequenos problemas para mim importantes. O primeiro é este: porque o escrevi tão tarde, só um ano depois, aproximadamente, da publicação do romance? Também eu me calara? A resposta encontro-a na tal carta em que Pereira Gomes me agradece (palavras suas) «o interesse que o livro e o autor lhe mereceram». Acrescentando: «Isso

o seu traço peque até por demasiada graciosidade, mas parece-me que o tal sentido heróico da vida está patente em todas elas».

O que nem o autor nem eu poderíamos prever então é que, trinta e três anos depois, derrubado o fascismo, Esteiros viria a ser estudado em todas as escolas do País. Finalmente. Felizmente. E isto, que nos dá a alegria inerente a todo o acto de

RI-DA-3-doc 23-3

edições Avante! promovem

Sessão Comemorativa do 70.º aniversário do nascimento e 30.º da morte de Soeiro Pereira Gomes

Letura de textos por José Carlos González

Depois, seguidos de debate, sobre a vida e a obra de Soeiro Pereira Gomes por Alexandre Babo, Alexandre Cabral, Alvaro Pina, Manuel Cândido Pires, Mário Dionísio

Sociedade Nacional de Belas-Artes R. Barata Salgueiro - Lisboa 20 de Dezembro pelas 21,30 horas

Entrada livre

Notas de reflexões:  
- Edição organizada pela Avante!  
- Quase 70 anos depois da morte de Soeiro Pereira Gomes.  
- Apesar das referências ao movimento neo-realista, não se trata de um livro de ficção.  
- O livro que acabou - sobre a vida - é - parte - de um livro de cerca de 120 páginas.

Como já tinha dito, no seu regresso do Congresso dos Intelectuais pela Paz em Wrocklaw, no ano anterior: **Os erros dos que me são mais próximos nunca me farão cair nos braços do inimigo.**<sup>17</sup>

Nesse mesmo ano de 1979, dez anos depois da morte de **ALVES REDOL**, Mário Dionísio participa na iniciativa que festejava os «40 anos de Gaibéus».

Foi na *Voz do Povo*, jornal ainda da UDP, que publicou **O exemplo de Redol**<sup>18</sup>. Escreveu no *Diário de Lisboa* **A quarenta anos de «Gaibéus»**<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> *O Jornal*, 13/10/1978 - RI-DA-4-Doc42.

<sup>18</sup> *Voz do povo*, 29/6/1979-RI-DA-3-Doc90

<sup>19</sup> *Diário de Lisboa*- 31/12/1979 - RI-DA-3-Doc65



Isto, depois de, em 1964, ter considerado ter sido um erro ter aceitado pertencer a uma comissão de honra de uma homenagem a Redol, não por considerar que Alves Redol não deveria ser falado, lembrado, homenageado, que a sua memória era importante, mas porque naquela iniciativa se confundia a publicação de *Gaibéus* com o início do neo-realismo, o que para MD não era verdade. Questões de «memória» ainda. Foi o que explicou ao próprio Redol numa carta muito curiosa de que ficam aqui umas linhas:<sup>23</sup>

Estou há mais de uma semana para te escrever. Mas, nestes dias particularmente ocupados de fim de período escolar, só hoje arranjei tempo para isso e mesmo assim, à pressa. Assunto: as homenagens de que, com minha satisfação e certamente de todos, tens estado a ser alvo e a minha não comparência em nenhuma delas, o que pode parecer-te estranho em face da nossa velha amizade, por um lado, e, por outro, contraditório com o figurar na Comissão de Honra dessas mesmas homenagens.

Ora, quando recebi o programa dos festejos (alguns dias depois de se terem iniciado), verifiquei o que inicialmente recebera. Festejam-se afinal 25 anos de neo-realismo, tomando embora os teus "Gaibéus" como ponto inicial de todo o movimento, com o que, como sabes, não posso estar de acordo. "O neo-realismo teve uma pre-história. Mas quem o concretizou e lhe deu corpo começou a sua história. Em Dezembro de 1939, Alves Redol:::" - diz o programa. E, confrontando-o com as notícias várias e, sobretudo, com os convites recebidos das várias colectividades, vê-se que a intenção é precisamente aquela que eu receava viesse a manifestar-se.

Não me passou, pela cabeça, como calculas, fazer um esclarecimento público. Seria isto sido lamentável sob todos os aspectos e, principalmente, não poderia deixar de te ferir - o que está o mais longe possível do meu desejo. Dar, no entanto, assentimento, com a minha presença embora modesta, a uma tese que considero errada não está no meu feitio, que conheces. E aqui tens porque, além de falta de tempo e dificuldades de transporte, não estive presente nas manifestações, embora tenha sempre estado contigo em pensamento naquela parte das homenagens que exclusivamente se referem pessoalmente a ti e ao merecido êxito do teu trabalho de tantos anos.

MD tinha, aliás, proposto há pouco tempo *O Barranco de Cegos*, que viria a prefaciar em 1970 (3ª edição), para Prémio Internacional de Literatura, em Salzburgo<sup>24</sup>, tinha aceitado traduzir para português a sua intervenção para uma plaquete de homenagem (como se lê nesta carta).

Desde 1942 (Ficha 5<sup>25</sup>) escrevia sobre este «camarada» com quem nem sempre estive de acordo.

Teriam estado de acordo, sim, na «reorganização» do Pen Club em Lisboa, em 1946-1947. E também por isso, usando a memória, MD recusaria em 1981 entrar no Pen Club (o actual), explicando isso a Ana Hatherly que o tinha convidado para «novo membro», como se pela primeira vez essa organização existisse<sup>26</sup> na nossa terra. Já tinha existido, com finalidades certamente diferentes.

<sup>23</sup> DOS-6-4-3

<sup>24</sup> Ver DOS-PIL

<sup>25</sup> MD, «FICHA 5», *Seara Nova*, 11/4/1942 - PP046. A-Arm1-Cx.49-Seara N; RI-DA-1-Doc8

<sup>26</sup> DOS-5-14



**P. E. N. PORTUGUÊS**  
CENTRO NACIONAL DE CULTURA  
Rua Antónia Maria Cardoso, 68, 1.º Telef. 36 47 22 1200 LISBOA

AO Escritor  
Mário Dionísio  
Lisboa

Segundo deliberado na nossa 3ª. Assembleia Geral, que teve lugar em 11 de Fevereiro de 1981 e de acordo com os nossos Estatutos, ea que se prevê que a eleição de membros para o P.E.N. Club Português só poderá ter lugar durante o princípio de cada ano, temos o prazer de lhe comunicar que o seu nome foi proposto para novo membro.

Relativamente à cotização, informamos que, de acordo com o deliberado na 1ª. Assembleia Geral que se realizou em 24.1.79, a cota mínima anual é de Esc.300.00, podendo cada um, porém, se o desejar e a fim de ajudar a cobrir as despesas de manutenção, pagar uma quantia superior. O pagamento das cotas deve ser feito, de preferência, por cheque ao nome do P.E.N. CLUB PORTUGUÊS, enviado pelo correio para o endereço acima indicado.

Comunicamos ainda que se vão manter os habituais jantares de convívio uma vez por mês. O próximo será oportunamente anunciado.

Pedimos que nos diga se concorda com a sua admissão.

Cordialmente

À A DIRECÇÃO DO P.E.N. PORTUGUÊS

Ana Hatherly

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1981



Ana Hatherly:

Em resposta à sua carta-circular de 12 do corrente, apressamo-me a pedir-lhe que transmita aos seus colegas de Direcção que muito agradeço o terem-me proposto para membro do P.E.N. Club português mas que não estou interessado em aceitar o amável convite.

Tratar-se-ia, aliás, de uma "reentrada", pois fiz parte de pequeno grupo que - nos anos 40 e em circunstâncias bem adversas - criou a secção portuguesa do P.E.N. com a concordância e colaboração do então seu único membro, o escritor Fielino de Figueiredo.

Saudações cordiais de

Mário Dionísio

MD foi sempre escrevendo sobre Alves Redol: **Alves Redol, Prémio Ricardo Malheiros de 1950<sup>27</sup>, Os homens e as sombras de Alves Redol<sup>28</sup>, O fruto sazonado<sup>29</sup>**. Escreveu na altura da sua morte: **Um operário das Letras<sup>30</sup>**, prefaciou *Barranco de Cegos* (1970)<sup>31</sup> sobre o qual fez uma entrada, em 1977, para o dicionário de Literatura das Iniciativas Editoriais<sup>32</sup>.

E, segundo parece (a dedicatória de Redol a MD indica isso), as críticas feitas por MD a *Avieiros* (em 1942) terão estado, pelo menos em parte, na base das alterações feitas por Alves Redol nos seus *Avieiros* de 1968. A memória pode servir para tanta coisa... – e não só depois do 25 de Abril.

Depois desse 1979 por onde começámos, MD haveria ainda de participar, em 1982, no lançamento da 2.ª edição de *Glória do Ribatejo*, organizado pelas Publicações Europa-América na Glória do Ribatejo, fazendo a intervenção de fundo.<sup>33</sup> Um parêntesis: é por isso que não posso deixar de achar estranho que num grosso volume resultante de um colóquio

<sup>27</sup> *Vértice*, Ago. 1950

<sup>28</sup> *Vértice*, Set. 1951

<sup>29</sup> *Diário de Lisboa*, 26/4/1962

<sup>30</sup> *A Capital*, 10/12/1969

<sup>31</sup> Alves Redol, *Barranco de Cegos*, 3.ª ed., Publicações Europa-América, 1970 - A-1-5-25. Pref. reed. na ed. ilustrada por Jorge Pinheiro (Lisboa: Avante!, 1982) - A-1-6-10a.

<sup>32</sup> MD, «Barranco de Cegos», COCHOFEL, João José (dir.), *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e da Teoria Literária*, Vol. I, Iniciativas Editoriais, 1977-A-1-6-11

<sup>33</sup> MD, «Gestão do Romancista» - Palavras pronunciadas em Glória do Ribatejo na sessão organizada por Publicações Europa-América para lançamento da 2ª ed. de *Glória: uma aldeia do Ribatejo* de Alves Redol, 30/5/1982- Cx.7-Doc062. Ver também: BAPTISTA-BASTOS, «Glória: à procura do tempo perdido», *Diário Popular*, 31/5/1982 - RI-SA-5-Doc86; V., R., «Redol: o "regresso" a Glória do Ribatejo», *Diário de Lisboa*, 31/5/1982 - RI-SA-5-Doc87.

universitário de 2014 chamado «Alves Redol: o olhar das ciências sociais» não haja qualquer referência ao «olhar» de MD.<sup>34</sup>



E escreveria ainda um pequeno texto para o programa do espectáculo *O destino morreu de repente*, na Comuna, em 1988: **Romancista do Povo**.<sup>35</sup>

Só em 2001 sairia, quando MD já tinha morrido há vários anos, um texto não datado, **Para o perfil de um camarada**, em *Alves Redol, testemunhos dos seus contemporâneos*.<sup>36</sup>

Um dos organizadores é o filho, António Mota Redol, um dos fundadores (e activo) da Casa da Achada--Centro Mário Dionísio.

É bem diferente o caso de **AVELINO CUNHAL** que MD recordou, no seu centenário, a pedido do jornal *Seia Nova*, tendo o texto sido publicado também no *JL* uns meses depois. Chamou ao artigo: **Um jovem de cabelo todo branco**.<sup>37</sup>



Avelino Cunhal, pai de Álvaro Cunhal, padrinho (de registo) da filha, com quem começou a pintar e a fabricar tintas ao domingo, que foi seu advogado num caso com a editora Ars, a propósito de falta de pagamentos e da não publicação dum álbum «Portinari»; que teve um quadro apreendido, como ele e outros mais, na II EGAP (1947), com quem cortou relações na sequência da sua «expulsão» do PCP, que reatou mais tarde. E que nesse mesmo ano de 1987 recordará com toda a simpatia em *Autobiografia: E lá vinha, era uma festa, o dr. Avelino Cunhal, esquecido do cabelo todo branco (em vão, com insistência, a mulher lho lembrava), feliz como um menino, passar comigo as tardes de Domingo. Pendurava o solene chapéu no bengaleiro e, depois de muitas cerimónias («Não vale a pena, deixe lá, não vale a pena»), despia o seu casaco, desfazia o laço irrepreensível, chegava a consentir em pôr um avental. Radiante. E punha-se também aplicadamente, a misturar os pigmentos com o óleo («Já*

<sup>34</sup> *Alves Redol : O olhar das ciências sociais*. Paula Godinho e António Mota Redol (coord.), Colibri, 2014.

<sup>35</sup> *O destino morreu de repente*, programa do espectáculo na Comuna – Teatro de Pesquisa, Fev. 1988 - A-1-6-33

<sup>36</sup> Maria José Marinho e António Mota Redol, *Alves Redol, testemunhos dos seus contemporâneos*, Caminho, 2000 - A-1-6-10

<sup>37</sup> *Seia Nova*, Jul. 1987, PP018. A-Arm1-Cx.47-SN; *JL*, 9/11/1987 RI-DA-3-Doc92.

estará bem?», «Um pouco mais, mas cuidado, não de mais»), a deitar-lhes a gota de água para fazer a emulsão, a meter o produto em bisnagões de estanho que eu arranjava não sei onde. Tínhamos tinta para uns tempos.

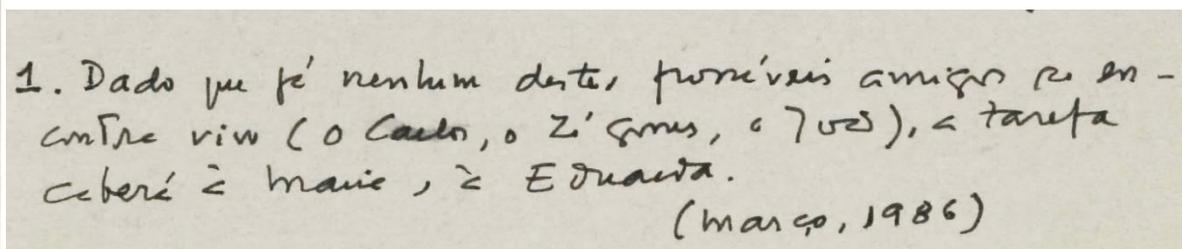
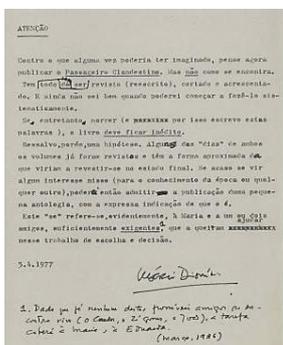
Há memória de Avelino Cunhal na Casa da Achada: um quadro seu, correspondência, um quadro do filho António, que ofereceu ao «compadre».



Tertúlia do Café Bocage em 1962. Da esquerda para a direita: João Cochofel, Aquilino Ribeiro Machado, Carlos de Oliveira, Augusto Abelaira, José Gomes Ferreira, Mário Dionísio, Egídio Namorado.<sup>38</sup>

Nessa terrível década de 80 morreram muitos dos grandes amigos, que eram (ou tinham sido) os de todos os dias, das tertúlias (ou das correspondências), todos escritores, mas com percursos (não só políticos) diferentes. Alguns camaradas do neo-realismo, de certos neo-realismos, dos tempos do neo-realismo. Entre os mais próximos: **Carlos de Oliveira**, que morre antes dos 60 anos, em 1981, **José Gomes Ferreira**, que morre aos 84 anos, em 1985 e **Joaquim Namorado**, que morre logo a seguir, aos 72 anos, no final de 1986 – um caso diferente também porque não morava em Lisboa.

Os três são muito referidos em *Passageiro Clandestino*, o diário inédito de MD antes do 25 de Abril, e nos *Diários* que se lhe seguem. Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira eram dois daqueles a quem MD destinava a decisão da publicação ou não desses diários. O terceiro era Cochofel.



<sup>38</sup> Ver: «Tertúlias de Lisboa – o grupo do “Bocage”» *Diário de Lisboa*, 15/3/1962 - Reportagem c./ fotos da mesa e de cada frequentador, e declarações de cada um -RI-SA-4-doc93

E eram, aliás, também aqueles que não compreendiam que MD dedicasse tanto tempo ao ensino...

Apesar de o tom do discurso de Mário Dionísio nunca ser o da nostalgia, a palavra «saudade» começa a aparecer por estas alturas. Pelo menos, em títulos. A cidade estava a ficar vazia e a vida com grandes vazios. Escrever sobre os desaparecidos seria também uma forma de a preencher, de lhe dar sentido.

**CARLOS DE OLIVEIRA** não será só um assunto de textos em prosa encomendados pelos jornais para os habituais obituários. No dia da sua morte, MD escreve um poema. Anos mais tarde, em 1988, pintar-lhe-á o retrato – «de memória» (e com a ajuda de uma fotografia). Na altura da morte de Carlos Oliveira, de MD, nos jornais, apenas alguns pequenos depoimentos, pelo meio de outros de outros autores<sup>39</sup>. Para o número de homenagem da *Vértice*, só manda o poema que já tinha sido publicado e voltaria a sê-lo em *Terceira Idade*.

(1 de Julho de 81: morte do Carlos de Oliveira)

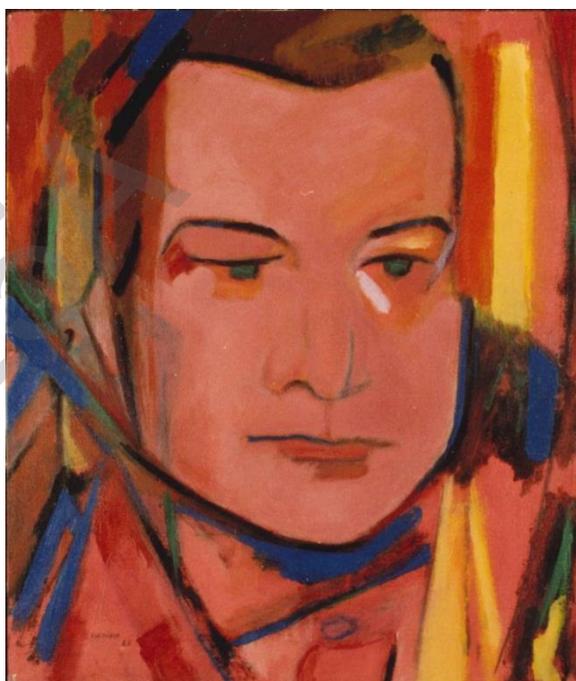
**É hoje o primeiro dia  
em que há mundo sem ti**

**Esforço-me por entender o sem sentido disto**

**Mas não se pensa o que se chora  
Espanto-me sim de esta cidade para mim vazia  
ser para os outros como sempre a vi**

**Que pode haver agora?  
Que enganosa miragem?  
Tu não foste fazer uma viagem  
Tua ausência não é um intervalo**

**Vai-se indo pouco a pouco o porque existo  
E nunca mais também sem ti  
saberei sequer reinventá-lo**



Saudades do Carlos de Oliveira, 1988  
Acrílico s/ tela, 53 x 45



<sup>39</sup> MD, «Contextos esquecidos», *JL*, 7-20/7/1981 -RI-DA-3-Doc74. A propósito da morte de Carlos Oliveira. P. c./ depoimentos de outros autores: Fiama H. Pais Brandão, Eugénio de Andrade, Gastão Cruz. MD, «Uma grande perda», *Diário de Lisboa*, 9/7/1981-RI-DA-4-Doc36.

MD, ao longo da vida, só escreveu sobre ele nos anos 40<sup>40</sup> e em 1964 (aí muito longamente), quando a escrita de Carlos de Oliveira já é outra: um prefácio à 3ª edição de *Casa na Duna*<sup>41</sup>, que só chegou ao fim com a insistência de Carlos de Oliveira. O que está contado em *Passageiro Clandestino*, passo que aliás já foi publicado<sup>42</sup>, em vida de MD. E existe no Arquivo de MD um documento MD inacabado: «Rodrigues Miguéis - Carlos de Oliveira: esboço para um estudo comparativo».

Mário Dionísio e Carlos de Oliveira tinham publicado os (quase) primeiros livros de poesia na mesma colecção «auto-gerida», sobretudo por Joaquim Namorado («Novo Cancioneiro»), estiveram do mesmo lado na chamada «polémica interna do Neo-Realismo»<sup>43</sup>. Os dois pintavam e trocavam quadros.

E a Maria Ângela, sua companheira de sempre, foi uma das fundadoras da Casa da Achada, o que nem um nem outro viriam a saber.

MD estava hospitalizado quando **JOSÉ GOMES FERREIRA** morreu, em 8/2/1985. Fala dessa morte no seu Diário.

Viria a escrever **Sete recordações** para o número de homenagem a José Gomes Ferreira da *Vértice*, Jul.-Dez. 1986. Um texto que terá de ser lido na íntegra. Pego aqui apenas na «quinta recordação»

Essa «recordação» é sobre a entrada deste amigo no PCP (em 1980). José Gomes Ferreira, esse «paradoxo vivo», como lhe chamou Carlos de Oliveira, alguém que por lá nunca tinha andado... e MD, sim, ficando marcado para a vida inteira pela saída-expulsão, que aconteceu quando já conhecia JGF há vários anos. Ficam aqui só uns extractos que me parecem necessários para uma eventual resposta à pergunta (que o não é): «para que pode servir a memória».

#### **Quinta recordação**

**O Zé Gomes no PC? Pode lá ser! Mas não. É a verdade. As poucas vezes em que, durante tantos anos, entre nós terá passado um ligeiro mal estar de discordância, sempre haveria por trás disso a questão do alinhamento do escritor em partidos. Era a tal respeito sobretudo céptico. Quando eu, «então inquieto, agitado, nervoso», como me retratou antes da minha doença (mas também depois o terei sido), queria fazer da arte uma arma de arremesso e exagerava os resultados, ele falava, com ironia quase divertida, de «essas trezentas pessoas heróicas que andam de um lado para o outro, em Lisboa, a fingir cultura» (*Imitação dos dias*). Foi aliás um dito que ficou. Onde eu queria ver milhares, via ele, com razão, não mais que três centenas.**

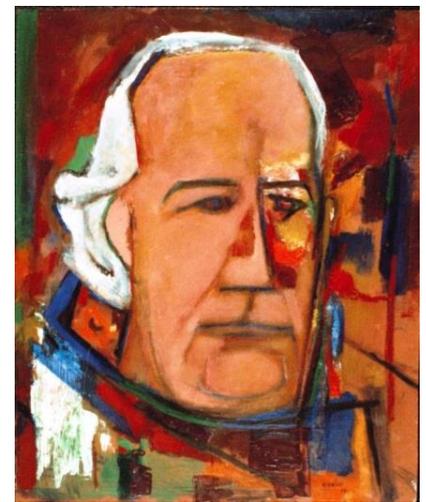
<sup>40</sup> MD, «Mãe Pobre de Carlos de Oliveira», *Vértice*, Fev. 1946; MD, «Pequenos Burgueses de Carlos de Oliveira», *Vértice*, Mar. 1949

<sup>41</sup> Carlos de Oliveira, *Casa na Duna*, 3.ª ed. revista, Portugalia, 1964 - A-1-5-24. Reed. em *Prefácios (1948-1989) a livros, álbuns e catálogos*, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, 2014. (col. Mário Dionísio, n.º 7) - A-2-3-44

<sup>42</sup> MD, «Passageiro Clandestino», *Colóquio / Letras*, Jul. 1986 - PP012. A-Arm1-Cx.52-Col

<sup>43</sup> Ver: MD, *Autobiografia*.

De qualquer modo, sinto que foi feliz no novo meio em que convictamente penetrou, com muitas outras relações, sempre em comícios, reuniões de toda a espécie, sentado em mesas de presidência, escrevendo artigos curtos, de acção supostamente mais directa, participando em marchas de regozijo e de protesto. Na última em que tomou parte, ao que suponho, o seu cansaço



«Poeta: incendeia a espada!»  
(José Gomes Ferreira), 1989  
acrílico s/ platex, 59 x 49

«Você bem sabe que eu nunca quis nada disto», confidenciou-me um dia. Mas era agora um militante. Para o melhor e para o pior. Releia-se, contudo, o «Decálogo do verdadeiro revolucionário (ou que finge que o é)» na *Intervenção sonâmbula*. Penso que está lá inteiro.

Dois anos depois da morte de José Gomes Ferreira, a RDP (Joaquim Furtado) tinha pedido a MD um depoimento que foi lido em vários noticiários da antena 1 e da 2, nesse dia de «aniversário»<sup>44</sup>.

Três anos depois da morte dessa morte, MD pintará o seu retrato a que dá o título de «“Poeta: incendeia a espada!” (José Gomes Ferreira)». Julgo que também, como o de Carlos de Oliveira, com a ajuda de uma fotografia.

Em 1990, foi descerrada uma lápide na última casa onde JGF viveu (cerimónia da CML – presidente: Jorge Sampaio). MD lá esteve e discursou.

MD conheceu o amigo em 1937, o que conta na «Primeira recordação». Nem Mário Dionísio era ainda «neo-realista», nem José Gomes Ferreira o era, como nunca o foi. Existe no Arquivo um poema manuscrito dessa data, **Poema do mundo impossível**<sup>45</sup>, oferecido por JGF a MD para ser incluído numa antologia de poesia portuguesa dos anos 30 que MD andava a organizar e que nunca chegou a sair.

Em 1944, tinha subscrito o abaixo-assinado de apoio a MD na polémica com João Pedro de Andrade e a *Seara Nova*, que está na origem da publicação de *Ficha 14*<sup>46</sup>.

Quase 20 anos depois, a duradoura e violenta polémica de MD com David-Mourão Ferreira (nunca mais falarão um com o outro) parte do texto de MD **E José Gomes Ferreira?**<sup>47</sup>, sobre o facto de este poeta não ter sido tratado nas «tardes culturais» de 1963, no Teatro Nacional, da responsabilidade de Natércia Freire.

Pelo menos desde 1950, MD escrevia e falava sobre José Gomes Ferreira. Por exemplo, na 6.ª sessão cultural do Colégio Moderno (28 Março 1950), em **Dois poetas de Lisboa**<sup>48</sup>, em **O melhor é cantar**<sup>49</sup>, num depoimento de 1968<sup>50</sup> na *Seara Nova* e por aí fora.

<sup>44</sup> MD, Depoimento sobre JGF lido em 8/2/1987 (2º aniversário da morte) - Cx.6-Doc025

<sup>45</sup> José Gomes Ferreira, «Poema do mundo impossível», 1937 – Cx.12-Doc084

<sup>46</sup> DOS-1-1 A – Abaixo-assinado de MD contra João Pedro de Andrade (Ficha 14)

<sup>47</sup> *Diário de Lisboa*, 28/3/1963 - RI-DA-2-Doc16

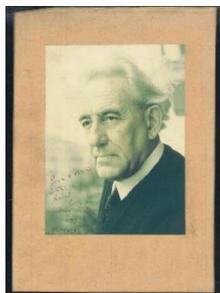
<sup>48</sup> *Ler* n.º 2, Maio 1952. Texto sobre dois prosadores: José Gomes Ferreira (*O Mundo dos Outros*) e Manuel Mendes (*Bairro*)

<sup>49</sup> *Diário de Lisboa*, 31/5/1962. Na altura do Grande Prémio de Poesia da SPE atribuído a José Gomes Ferreira.

<sup>50</sup> *Seara Nova*, Abr. 1968 - RI-DA-2-Doc94. Depoimento sobre José Gomes Ferreira.

Em 1977 e 1978, faz dois longos prefácios reedições de livros de JGF: *Poeta Militante*<sup>51</sup> e *O Mundo dos Outros*<sup>52</sup>. E, na sala Manuela Porto do Teatro da Cornucópia, em 15/2/1978, lê o texto «O poeta militante», que será publicado no *Diário de Lisboa*<sup>53</sup>.

A fotografia que José Gomes Ferreira ofereceu a Mário Dionísio e a Maria Letícia, em 1969, nunca saíria da prateleira da biblioteca deles onde foi colocada.



Passaram férias os dois (as duas famílias) na mesma localidade (disso trata a «Terceira recordação»). MD foi professor do filho mais novo de JGF, que criou com MD uma forte relação, o que se vê na correspondência. O filho mais velho é um dos fundadores da Casa da Achada.

Há no Arquivo ML alguma correspondência e alguns textos publicados de JGF na imprensa.

**JOAQUIM NAMORADO** sempre morou em Coimbra. Por isso existe no Arquivo tanta correspondência sua, peça fundamental na questão da «memória», mesmo quando se esquece o que se escreve ou lê. Mas, se as palavras nos encontros das tertúlias, dos serões, das sessões são levadas pelo vento, as das cartas, dos postais, dos telegramas não são. Essa correspondência irá, segundo suponho e espero, ser em breve publicada. Mário Dionísio e ele foram sempre grandes amigos, a partir de 1940, para lá das grandes divergências políticas e partidárias, a partir de 1952, e naturalmente na chamada polémica do Neo-Realismo (e que afinal não eram assim tantas). Esta terceira morte ampliou os vazios da vida de MD.

Foi Joaquim Namorado que pediu a Mário Dionísio o livro *Poemas* – quando o seu título ainda era *Pregão* – para ser publicado no Novo Cancioneiro<sup>54</sup>.

E foi o primeiro amigo de quem MD pintou o retrato, em 1952. O único durante muitos anos. E aí, ao contrário dos outros retratos de que já falámos, a memória não entrou, ou entrou apenas por via da distância.

<sup>51</sup> José Gomes Ferreira, *Poeta Militante*, 1.º Vol., 2.ª ed., Moraes Editores, 1977 - A-1-5-27; Publicações Dom Quixote, 1990 - A-1-5-26. Reed. em *Prefácios (1948-1989) a livros, álbuns e catálogos*, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, 2014. (col. Mário Dionísio, n.º 7) - A-2-3-44

<sup>52</sup> José Gomes Ferreira, *O Mundo dos Outros*, 6.ª ed., Moraes Editores, 1978 - A-1-5-28; 7.ª ed., 1979 - A-1-5-29. Reed. em *Prefácios (1948-1989) a livros, álbuns e catálogos*, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, 2014. (col. Mário Dionísio, n.º 7) - A-2-3-44

<sup>53</sup> MD, «O poeta militante», *Diário de Lisboa*, Lisboa, 27/2/1978 -RI-DA-3-Doc46. Destacável de 4 pp. sobre José Gomes Ferreira.

<sup>54</sup> DOS-5-3-Doc25



Em 1983, vemo-los aos dois sorridentes e abraçados, numa grande homenagem que foi prestada a Joaquim Namorado na Figueira da Foz, onde MD participou. Esse acontecimento chamou-se: «O neo-realismo e as suas margens – Descoberta e afirmação». Na exposição documental de homenagem, organizado pelo semanário *Barca Nova*, estavam 3 quadros figurativos de MD: «Maternidade», «Retrato de Joaquim Namorado», «Cabeça».



MD interveio (apesar de não gostar de «homenagens», acabava sempre por participar nas «homenagens» àqueles de quem gostava). O seu discurso seria publicado: **Homenagem a Joaquim Namorado**<sup>55</sup>. O texto que escreveu quando JN morreu chama-se simplesmente: **Memória do Joaquim**<sup>56</sup>. E fará um depoimento, no dia da morte, lido em vários noticiários da Antena 1 da RDP e outro para as «24 hora» da RTP<sup>57</sup>. Tratava-se, antes de mais de afirmar, com recurso à memória, nesses anos de adaptações várias e de regressos, que se podia ser ao mesmo tempo poeta e militante (o que estava fora de moda) e que havia formas várias de ser militante, na poesia e fora dela (o que cada vez mais era posto em causa ou esquecido).

<sup>55</sup> *Diário de Lisboa*, 31/1/ 1983 - RI-DA-3-Doc81; publicado tb em *Incomodidade necessária (depoimentos)*, Câmara Municipal de Coimbra, 1991

<sup>56</sup> *JL*, 5-11/1/1987 - RI-DA-3-Doc87.

<sup>57</sup> Cx.6-Doc024



A última memória de Joaquim Namorado, marcante para Mário Dionísio, terá sido a insistência do amigo, militante do PCP, durante uma visita que lhe fez com Sidónio Muralha<sup>58</sup>, em publicar na *Vértice* (de que MD há muitos anos se afastara) o discurso que MD tinha feito sobre a Revolução de Outubro para ser lido numa sessão no Pavilhão dos Desportos (5/11/1977) e que a entidade que a organizou e convidou para a mesa da presidência (a Associação Portugal-URSS) o impediu de ler. Foi de facto publicado: **Discurso sobre Outubro**<sup>59</sup>.

SEXAGESIMO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

(discurso para a sessão a realizar em 5 de Novembro no Pavilhão dos Desportos, por iniciativa da Associação Portugal-URSS) \*

*Pedido com insistência pelo Joaquim Namorado para ser publicado em VÉRTICE. henro e chama-se DISCURSO SOBRE OUTUBRO*

x) Não pôde ser pronunciado, o que me levou a declinar o convite para figurar na mesa de presidência da mesma sessão.

Isto, pouco depois de uma viagem que fizeram os dois, com outros (entre os quais Óscar Lopes, Rui-Mário Gonçalves, Ana Máscolo, Carlos Paredes, grupo Outubro, etc.) ao Azerbaijão a convite da mesma associação<sup>60</sup>.



<sup>58</sup> Cx.10-Doc1- MD, Diário 1, 1/11/1977 – Visita de Sidónio Muralha e Joaquim Namorado

<sup>59</sup> *Vértice*. Nov.-Dez., 1977. Ver Cx.7-Doc064

<sup>60</sup> Cx.9-Doc7- Diário da ida à URSS, 1976

Foi, aliás, durante essa viagem que Mário Dionísio ficou finalmente a saber quem era um tal António Vale (Álvaro Cunhal) com quem se tinha digladiado na *Vértice*, em 1954, por sinal não da boca de Joaquim Namorado (que estava então na *Vértice* e que aí continuou), mas de Óscar Lopes (que lá escreveu, mas nunca lá esteve).

Regressado a Lisboa, Mário Dionísio escreveria a um responsável da dita Associação, usando também a memória:

.....

visitado, cheguei a admitir a hipótese de regressar a Portugal antes do prazo estipulado, o que só não fiz por manifesta impossibilidade material e em parte também pelas interpretações menos correctas que isso poderia ocasionar.

.....

Ora e muito pelo contrário, por um lado, tudo ou quase tudo se passou em Baku como se os membros de um Partido determinado visitassem a URSS e ali fossem recebidos como tal e, por outro, os contactos havidos, aliás absorventes, raro foram além de recepções oficiais, com os inconvenientes lucidamente previstos na reunião referida pelo citado representante do senhor Embaixador da URSS.

61

Pouco meses antes, em 1976, quando MD estava na Direcção de programas da RTP, Joaquim Namorado é uma das pessoas a quem ele pede para colaborar num programa sobre a cultura sob o fascismo. O convite é feito em 11/1/1976<sup>62</sup>. O contrato é assinado em 4/2/1976<sup>63</sup>. Mas tal programa nunca seria realizado.

Mário Dionísio e Joaquim Namorado tinham começado há muitos anos a escrever textos um sobre o outro, sobretudo Joaquim Namorado sobre Mário Dionísio. Em 1945, MD escreve sobre a poesia de Joaquim Namorado<sup>64</sup>. Joaquim Namorado já tinha assinado, com Fernando Lopes Graça, João José Cochofel, João Farinha, Carlos de Oliveira, Rui Feijó uma carta de defesa de MD na polémica que originou a «Ficha 14»<sup>65</sup>. E escreverá sobre MD pelos anos fora, mesmo depois de este se ter separado do PCP e ele não. Por exemplo: **Van Gogh – estudo de Mário Dionísio, Ars, 1948**<sup>66</sup>, **3.ª Exposição Geral de Artes Plásticas**<sup>67</sup> (em que refere MD e em que está reproduzido «Interior»/«Reunião Clandestina» de MD), **Mário Dionísio, grande**

---

<sup>61</sup> DOS-4-43-24

<sup>62</sup> 19h – Joaquim Namorado. Jantar e convite, que aceitou, para elaborar um grupo que vai estudar o programa sobre a história da Cultura sob o fascismo. Concordou com o nome já convidado, F. Piteira Santos e com o nome a convidar, Prof. Torre d'Assunção. MD, Diário

<sup>63</sup> Finalmente, assinatura do contrato para o programa sobre a cultura sob o fascismo. A administração achou muito a verba pedida mas acabou por assinar. Meia hora antes dos colaboradores chegarem, verifico que, segundo o contrato há que, na altura da assinatura, entregar 20.000\$00, que não tenho. Telefonemas vários e o problema resolve-se. Chegam o Joaquim Namorado e o prof. Torre de Assunção. Mais tarde o Fernando Piteira Santos, que só à noite assinará o contrato em minha casa. Primeiro grande problema resolvido e em marcha. MD, Diário

<sup>64</sup> MD, «Incomodidade», in *Jornal do Comércio*, 4/8/1945 - RI-DA-1-doc24

<sup>65</sup> *Seara Nova* 23/10/1943 - PP046. A-Arm1-Cx.49-Seara N

<sup>66</sup> *Vértice*, Abr.-Maio 1948 - PP001. A-Arm1-Ver - RI-SA-1-Doc34

<sup>67</sup> *Vértice*, Abr.-Maio 1948 - PP001. A-Arm1-Ver

prémio de ensaio de 1962<sup>68</sup>, Mário Dionísio fala-nos do Prémio Internacional de Literatura de 1964 (entrevista de JN a MD)<sup>69</sup>.

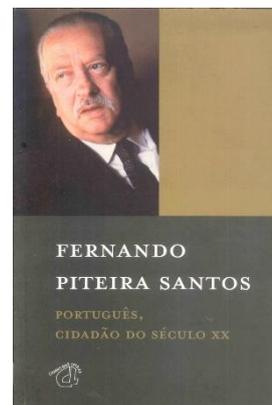
Em carta dirigida a Maria Letícia e Eduarda Dionísio, na altura da morte de MD, Guilhermina Namorado, mulher de Joaquim Namorado dirá que MD talvez tenha sido o maior amigo de JN<sup>70</sup>.

Morreu mais tarde, um ano antes de MD, em 1992, aquele que este conhecia há mais tempo, da Faculdade, que era da mesma idade, que foi expulso do PCP no mesmo ano em que MD pediu para sair de militante (mas foi afinal também oficialmente «expulso») e com quem se aconselhava muitas vezes: **FERNANDO PITEIRA SANTOS**. Também aparece referido nos seus diários. E já passou por esta conversa, a propósito da memória de outros. Já o vimos em fotografias da sessão de lançamento da 2.ª edição de *Glória do Ribatejo* (p. 12)

Foi com o título **Actividade incansável** que MD escreveu então sobre ele (*JL*, 6/10/1992), texto republicado com outro título, **Saudade do Fernando Piteira Santos** no livro *Fernando Piteira Santos: Português, cidadão do século xx*<sup>71</sup>.

~~PARA A NOTÍCIA DA MORTE DE~~ SAUDADE  
FERNANDO PITEIRA SANTOS

Conheci Fernando Piteira Santos quando, frequentando ele o primeiro ano de Direito, ia assistir às Assembleias Gerais realizadas na Faculdade de Letras com o ingénua intuito de se criar uma Associação Académica. Era muito jovem, naturalmente, mas mostrava já a sua lucidez invulgar e o espírito acutilante. Ficámos logo amigos. Estava à porta o Bloco Académico Antifascista.



Mário Dionísio fala de Fernando Piteira Santos na *Autobiografia: Ali* [na Faculdade de Letras] **conheci de perto pessoas de nível excepcional, outras não tanto, outras, as pobres, nem falar nisso é bom. Entre as primeiras, penso logo no Alberto Emílio de Araújo, figura ímpar que este pobre país ignora, no Fernando Piteira Santos, no Álvaro Salema, no Magalhães Vilhena, no Vitorino Magalhães Godinho...** E mais adiante: **Momentos soltos lucilando na distância. O José Cardoso Pires a bater-me à porta com o seu primeiro original. O Piteira a paginar comigo, em minha casa, à noite, a Gazeta musical e de todas as artes.**

Há no Arquivo MD numerosos recortes de textos de Piteira Santos publicados na imprensa, alguns com referências a MD e outros onde FPS é referido, nomeadamente a sua presença em homenagens. A Bento de Jesus Caraça, por exemplo.

<sup>68</sup> *Vértice*, Nov.-Dez. 1963 - RI-SA-CP-Doc047

<sup>69</sup> *Vértice*, Maio-Jun. 1964 - PP001. A-Arm1-Ver

<sup>70</sup> DOS-13-1-55

<sup>71</sup> *Fernando Piteira Santos: português, cidadão do século xx*, Campo das Letras, 2003



Caraça, que lhe dedica outro a ele (há vários recortes no Arquivo MD), Miguéis que agradece por carta, já de Nova Iorque, a crítica que MD lhe fez<sup>74</sup>, dizendo que tem uma carta de 10 páginas para lhe entregar em mão (o que nunca deve ter acontecido), Miguéis autor de *Escola do Paraíso* que desiludiu MD, conforme se lê em *Passageiro Clandestino*, Miguéis sobre o qual MD teria começado um estudo comparativo com Carlos de Oliveira<sup>75</sup>, é sobre este escritor, escreve MD, na altura da sua morte (1980) um texto em que insiste na falta que Miguéis (lhe) vai fazer: **Sem Rodrigues Miguéis?**<sup>76</sup>



Sobre **ABEL MANTA**, mais velho (1988-1982), companheiro das EGAPs e de outras andanças, escreve *Manta ou a arte de pintar*<sup>77</sup> e oferecerá um quadro seu ao museu de Gouveia, a pedido do filho, João Abel Manta (que fez uma caricatura de MD em Paris, em 1949, que lhe tirou muitas fotografias nos finais dos anos 80, sobre o qual MD escreveu<sup>78</sup> que ofereceu obras suas para leilão na Casa da Achada-Centro Mário Dionísio). Há no Arquivo várias fotografias de Abel Manta em sessões de MD ou sobre.



Abel Manta (dir,) na Entrega do Grande Prémio de Ensaio da SPE a MD, 1964

Sobre **JOÃO GASPAS SIMÕES**, crítico literário profissional, tido habitualmente como inimigo de MD, dada a sua relação com a Presença, a sua antipatia pelo Neo-realismo, os seus gotos, MD escreve três textos na altura da sua morte, provavelmente destinados a leitores diferentes: um depoimento no *Diário Popular*<sup>79</sup>, o artigo **No fim duma época**<sup>80</sup>, a resposta a um inquérito de Neves Dias a que foi dado o título de **Incansável defensor da literatura**<sup>81</sup>. Numa altura em que a literatura é invadida pelo *marketing*, deixando de ser «literatura», há a necessidade de defender quem sempre viveu dela e para ela.

<sup>74</sup> MD, «Um escritor português», *Vértice*, Jun. 1947

<sup>75</sup> Cx.7-Doc053

<sup>76</sup> *Diário de Lisboa*, 4/11/1980 - RI-DA-3-Doc70

<sup>77</sup> *O Jornal*, 13/8/1982 - RI-DA-3-Doc80

<sup>78</sup> MD, «Caricaturas portuguesas» de João Abel Manta - Um outro Goya e algo mais, *O Jornal*, 19/12/1978 - RI-DA-3-Doc57

<sup>79</sup> 7/01/1987 - RI-DA-4-Doc22

<sup>80</sup> *JL*, 12-18/1/1987 - RI-DA-4-Doc21

<sup>81</sup> *Diário de Notícias*, 18/1/1987-RI-DA-4-Doc20



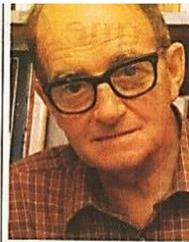
## Depoimento/I No fim duma época

Mário Dionísio

Que pouco sabemos da vida e de nós próprios! Quem me diria, pelos fins dos anos trinta, que receberia um dia — cinquenta anos depois! — a notícia da morte de João Gaspar Simões com tanta desolação e autêntica amargura? Talvez porque tudo se passa entre marcos, referências, vozes, por nós ou contra nós, e sem os quais nos é difícil respirar. Permitam-me lembrar dois versos meus:

«Amigo ou inimigo irmão no tempo / de mim mesmo algo leva e o despedaça». Versos de um livro que ele inesperadamente elogiou (coisa rara!) e afinal talvez não tão rara como isso), sem se esquecer de acrescentar: «talvez (o livro) seja realista mas já não meu».

Era esse o pomo de discórdia. E, se o neorealismo venceu (está em moda pensar que não, mas seria bom estudarem o que isso é, a exemplo de alguns que o estão fazendo), foi, não digo propriamente contra ele, mas com certeza apesar dele.



Mário Dionísio:

### Incansável defensor da literatura

Eu nunca tive uma polémica com João Gaspar Simões. As nossas relações é que foram sempre polémicas, sobretudo nos anos em que ele, na sua

As relações de MD com João Gaspar Simões terão começado em 1946, quando este lhe encomendou um estudo sobre Guilherme de Azevedo (que MD nunca mais entregava...), para *Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX* – Vol. I, que acabou por sair em 1949<sup>82</sup>.



Sociedade Portuguesa de Escritores. Última reunião do Júri do Prémio Camilo Castelo Branco. 1961. Da esq. para a dir.: MD, David Mourão-Ferreira, Óscar Lopes, Jacinto Prado Coelho, João Gaspar Simões.

Estiveram os dois no júri do Prémio Camilo Castelo Branco da Sociedade Portuguesa de Escritores (encerrada pela polícia em 1965). Gaspar Simões, referido em *Passageiro Clandestino*, fez crítica, nos vários órgãos de informação em que foi escrevendo, sobretudo na sua rubrica de crítica regular no *Diário de Notícias*, a todos os livros de MD publicados entre 1944 e 1982 – poesia, narrativa, ensaio: ao *Dia cinzento*<sup>83</sup>, a *Solicitações e emboscadas*<sup>84</sup>, a *Riso Dissonante*<sup>85</sup>, à *Paleta e o Mundo*<sup>86</sup>, a *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea*<sup>87</sup>, a *Memória de um pintor desconhecido*<sup>88</sup>, a *Poesia Incompleta*<sup>89</sup>, a *O dia cinzento e outros contos*<sup>90</sup>, a *Não há morte nem princípio*<sup>91</sup>, a *Terceira Idade*<sup>92</sup>.

E há muitos mais recortes de textos de JGS para além destes no Arquivo MD.

Sobre **JACINTO PRADO COELHO**, de quem fala no seu Diário, colega também do júri do Prémio Camilo Castelo Branco, como Gaspar Simões, e um dos professores que o convidaram para

<sup>82</sup> *Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX* 1, dir., pref. e not. bibliogr. João Gaspar Simões, gravuras em madeira Abel Manta, Edições Ática, 1947- A-1-6-1

<sup>83</sup> *Diário de Lisboa*, 6/6/1945, RI-SA-1-Doc76

<sup>84</sup> *Sol*, 16/2/1946 RI-SA-1-Doc66

<sup>85</sup> *Diário do Norte*, s. d. [1950], RI-SA-4-Doc99

<sup>86</sup> *Diário de Notícias*, 31/1/1957- RI-SA-2-Doc21; *Europa*, Fev. 1957 - RI-SA-4-Doc95

<sup>87</sup> *Diário de Notícias*, 14/8/1958 - RI-SA-4-Doc94

<sup>88</sup> *Diário de Notícias*, 23/6/1966- RI-SA-4-Doc57

<sup>89</sup> *Diário de Notícias*, 19/1/1967 - RI-SA-4-Doc48

<sup>90</sup> *Diário de Notícias*, 14/12/1967-RI-SA-4-Doc35

<sup>91</sup> *Diário de Notícias*, 2/10/ 1969 - RI-SA-4-Doc14

<sup>92</sup> *Diário de Notícias*, 17/6/1982 - RI-SA-5-Doc82

professor na Faculdade de Letras em 1978, MD escreve **Homenagem a Jacinto do Prado Coelho**.<sup>93</sup>

E, muito depois da morte de **PULIDO VALENTE**, na altura em que se trata de pôr de pé a Fundação Pulido Valente (em que MD colabora), escreve, a pedido do filho (Fernando Pulido Valente), o texto **Prof. Pulido Valente**, que só em 1989 sairá em *In Memoriam - Francisco Pulido Valente*.<sup>94</sup>



Quadros de Abel Manta

Pai de uma grande amiga de Mário Dionísio e de Maria Letícia, segue as várias doenças de MD e aconselha. Escreve-lhe uma carta sobre *A Paleta e o Mundo*, que leu com muito interesse e atenção, desculpando-se por não o ter feito mais cedo. Uma fotografia sua, com bata de médico (e a fumar um cigarro), é das poucas que estiveram longo tempo numa prateleira da biblioteca da casa de Mário Dionísio e Maria Letícia.

Seria só por ser um grande cientista que Pulido Valente era o grande médico que foi e deu o nome a um hospital? A memória pode fazer perceber que não é só isso.

Um caso talvez completamente à parte é o de **BENTO DE JESUS CARAÇA**, que marcou profundamente o pensamento e a acção de MD, pelo menos desde a organização conjunta das Conferências do Grémio Alentejano, interrompidas pela polícia, em 1943, até à morte de Caraça, aos 47 anos (1948).



95

<sup>93</sup> *Colóquio / Letras*. Jul.1984 - PP012. A-Arm1-Cx.52-Col

<sup>94</sup> *In Memoriam: 1884-1963.- Francisco Pulido Valente*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d. (imp. 1989) - A-1-6-29

<sup>95</sup> Fotos do funeral de Bento de Jesus Caraça existentes no Arquivo MD - FOT4-MD-ML-386 e 387

A primeira conferência, do Bento de Jesus Caraça — «Algumas reflexões sobre Arte» —, sala cheia, decorreu sem problemas de maior. Mas, na segunda (e última), já os mastins tinham acordado, tudo mudou de figura. Sala ainda mais cheia. Falava o Lopes Graça sobre música medieval e punha um novo disco para documentar o que dizia, quando, no silêncio momentâneo, se ouviu, lá das últimas filas, uma voz avinhada, toda escorropichante: «Vira o disco e toca o mesmo!

... Apesar da indignação que tudo isto provocava, ainda nos mais calmos, Caraça maravilhava-se: como era possível haver ainda gente pronta a bater-se, e de tal modo, em defesa da cultura! – escreve Mário Dionísio em *Autobiografia*.

Se isto é visível na *Autobiografia*, também o é na correspondência (onde se percebe que MD não levou a cabo uma proposta de BJC – um livro para a Biblioteca Cosmos)<sup>96</sup>, nos vários textos que MD escreve sobre ele (e o peso que têm no conjunto da sua escrita) e das muitas participações em sessões de homenagem, algumas de cariz político ou até partidário, que ele vai contrariando e comentando no seu diário e em notas à margem nos recortes de imprensa.

A foto de Caraça (aliás uma reprodução muito conhecida, recortada e emoldurada por MD), muitos anos numa prateleira da biblioteca MD, dirá tanto ou mais do que outras coisas.



Logo em Junho de 1974, em plena euforia dos «dias impossíveis de contar», há uma romagem ao Cemitério dos Prazeres, onde MD vai, por entre os afazeres do início da Comissão de Estudo da Reforma Educativa que acabou de se constituir e a que MD preside.



25/6/1974  
Cemitério dos Prazeres.  
MD à esq. Na foto, entre outros:  
Raul Rego, Maria de Jesus  
Barroso, Alcina Bastos.

A homenagem de 1978 será a mais «vistosa», e a mais utilizada para fins político-partidários estritos (unir o PS e o PCP contra a direita que está no poder) e será aquela em que MD participará mais, mas noutra perspectiva, discursando no Cemitério dos Prazeres (ao lado de Álvaro Cunhal e Mário Soares), participando num longo programa de rádio<sup>97</sup>, fazendo palestras, escrevendo textos.

<sup>96</sup> Corresp. Bento de Jesus Caraça - DOS-2-7

<sup>97</sup> RDP – programa «Contraponto», 26/6/1978. Realização: José Manuel Nunes. Entrevistador e locutor: Virgílio Proença.

18/5/1978  
 Reunião na SNBA da  
 Comissão Nacional da  
 Homenagem  
 a Bento de Jesus Caraça, a  
 que MD pertence



**Homenagem a Bento de Jesus Caraça**

Reunião na Sociedade Nacional de Belas-Artes e Comissão Nacional de Homenagem a Bento Jesus Caraça (na foto), após o primeiro aniversário da morte do poeta do 25 de Abril. Foi no momento de abertura da homenagem que se celebrou a morte de intelectuais portugueses. Entre as várias iniciativas da homenagem conta-se a realização do túmulo de Bento de Jesus Caraça, uma homenagem iconográfica e bibliográfica, baseada nas suas obras e edição de um volume especial da «Revista de Economia».

23/6/1978



**ROMAGEM AO TÚMULO DE BENTO CARAÇA Soares e Cunhal participam**

Intervenções a partir das 19 e 20 do próximo dia 27 a nível do cemitério dos Prazeres, por F. Mayer Garção, Luísa Irene Dias Amado, Mário Soares, Álvaro Cunhal e Mário Soares, assinalando o momento principal da homenagem: os saúdos vestimentares e notáveis pedregal e marmóreo que foi Bento de Jesus Caraça. Antes, pelas 18 horas, haverá uma concentração e desfilamento de uma lápide na casa onde viveu e faleceu Bento Caraça, na Rua Almeida e Sousa, 63. Seguir-se-á o desfile para o cemitério, as orações inter-vênções e, por fim, a romagem e deposição de flores.

Embrulho: as direções do Partido Socialista de Fátima, do Partido Comunista Português manifestam, através de comunicados, a sua adesão e apoio às homenagens a Bento Caraça, apelando aos seus militantes para que participem na romagem nacional do próximo dia 27.

No seu comunicado, subscrito por Paulo Coelho, do Secretariado Nacional para a Organização e Informação, o PS lembra a «grande figura da cultura e da resistência antifascista» que foi Bento Caraça no âmbito da resistência dos seus militantes, sobretudo, o espírito de resistência. O Partido não voltará a O.P.C.P. por sua vez, denuncia a participação na homenagem de «democratas de sectores e quadrantes de opinião muito amplos» e salienta o elevado significado democrático e patriótico da homenagem a Bento Jesus Caraça. «Com a sua actual presença», afirma o P.C.P., «o povo de Lisboa dará seguramente um novo e firme testemunho de adesão aos ideais do 25 de Abril, de disposição combativa para defender o regime democrático e as conquistas populares conquistadas na Constituição». Também a U.D.E.A. e o Bonaer publico o seu apoio às comemorações.

Orém, o sr. Mário Soares recebeu na sua residência oficial a comissão coordenadora das comemorações, tendo um dos elementos da comissão afirmado no final que o Primeiro-Ministro «com o mesmo tempo a sua adesão à homenagem nacional a Bento Jesus Caraça, exprimindo ao mesmo tempo a sua adesão à participação na homenagem de «democratas de sectores e quadrantes de opinião muito amplos» e salienta o elevado significado democrático e patriótico da homenagem a Bento Jesus Caraça. «Com a sua actual presença», afirma o P.C.P., «o povo de Lisboa dará seguramente um novo e firme testemunho de adesão aos ideais do 25 de Abril, de disposição combativa para defender o

23/6/1978



**BENTO CARAÇA, VIVO**

Com uma sessão solene pública na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, começou a Homenagem Nacional a Bento de Jesus Caraça, no 2º aniversário da sua morte. Hoje, às 18 horas, realiza-se uma romagem, em Lisboa, à casa de Bento Caraça, no casarão de São Francisco, onde decorrerá uma sessão evocativa do homenageado, na qual lerão, entre outros, Álvaro Cunhal e Mário Soares. Antes, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa indetecurará uma lápide na casa em que viveu Bento Caraça, na Rua Almeida e Sousa.

26/6/1978



**BENTO CARAÇA 30 ANOS DEPOIS Uma lição: barrar caminho ao fascismo**

Uma lição: barrar caminho ao fascismo. Bento de Jesus Caraça, 30 anos depois da sua morte, continua a ser uma referência para os portugueses. O seu legado literário e cultural é uma lição para os que se querem livres e democráticos. A sua obra é uma lição de resistência e de luta contra o fascismo. A sua vida é uma lição de coragem e de sacrifício. A sua morte é uma lição de dor e de luto. A sua memória é uma lição de honra e de respeito. A sua obra é uma lição de sabedoria e de amor. A sua vida é uma lição de exemplo e de inspiração. A sua morte é uma lição de tristeza e de saudade. A sua memória é uma lição de orgulho e de admiração. A sua obra é uma lição de conhecimento e de compreensão. A sua vida é uma lição de experiência e de maturidade. A sua morte é uma lição de despedida e de partida. A sua memória é uma lição de recordação e de lembrança. A sua obra é uma lição de legado e de herança. A sua vida é uma lição de história e de cultura. A sua morte é uma lição de reflexão e de análise. A sua memória é uma lição de crítica e de avaliação. A sua obra é uma lição de síntese e de conclusão. A sua vida é uma lição de luta e de luta. A sua morte é uma lição de vitória e de triunfo. A sua memória é uma lição de glória e de honra. A sua obra é uma lição de legado e de herança.

28/6/1978



**JORNADA DE UNIDADE Milhares de pessoas participaram nas cerimónias de homenagem à memória de Bento de Jesus Caraça**

Milhares de pessoas participaram nas cerimónias de homenagem à memória de Bento de Jesus Caraça. A jornada de unidade foi marcada por uma série de eventos que celebraram a vida e a obra do poeta. A participação foi massiva, demonstrando o profundo respeito e admiração que os portugueses têm pelo seu legado. As cerimónias foram realizadas em vários pontos da cidade, com a presença de autoridades locais e nacionais. A jornada serviu também como uma oportunidade para refletir sobre o significado da liberdade e da democracia no contexto atual.

29/6/1978

Do *Diário* de MD:

26.6.78 - Sessão na Reitoria da Universidade de homenagem a Caraça, excessiva e inutilmente politizada, deixando ver com excessiva clareza o que está por trás: desejo de reaproximação PC-PS.

27.6.78 - Descerramento da lápide na casa onde morreu Caraça [...]. Romagem ao cemitério. Discursaram: Mayer Garção, Luísa Irene Dias Amado, eu, Álvaro Cunhal e Mário Soares. Muito público, grande entusiasmo. [...] Mas nessa romagem «o jogo» ainda se descobriu mais. Tratava-se de Cunhal propor ao PS uma Conferência sobre o fascismo. O Mário Soares, num improviso excessivamente improvisado, aceitou o «repto» para a conferência e propôs que se fizesse um monumento aos heróis da Resistência bem no centro de Lisboa... Resultado: todos os meios de comunicação afinaram o noticiário por aqui. A TV limitou-se a dar uma vista geral da manifestação e partes dos discursos de A. Cunhal e do M. Soares. O resto terá sido para encher ou enfeitar. <sup>98</sup>



**Ideias e opiniões Bento de Jesus Caraça—um sonhador de realidades futuras**

Mário Dionísio  
 Para quem reconhece o valor de Bento de Jesus Caraça, não há dúvida de que ele foi um sonhador de realidades futuras. A sua obra é uma lição de resistência e de luta contra o fascismo. A sua vida é uma lição de coragem e de sacrifício. A sua morte é uma lição de dor e de luto. A sua memória é uma lição de honra e de respeito. A sua obra é uma lição de sabedoria e de amor. A sua vida é uma lição de exemplo e de inspiração. A sua morte é uma lição de tristeza e de saudade. A sua memória é uma lição de orgulho e de admiração. A sua obra é uma lição de conhecimento e de compreensão. A sua vida é uma lição de experiência e de maturidade. A sua morte é uma lição de despedida e de partida. A sua memória é uma lição de recordação e de lembrança. A sua obra é uma lição de legado e de herança. A sua vida é uma lição de história e de cultura. A sua morte é uma lição de reflexão e de análise. A sua memória é uma lição de crítica e de avaliação. A sua obra é uma lição de síntese e de conclusão. A sua vida é uma lição de luta e de luta. A sua morte é uma lição de vitória e de triunfo. A sua memória é uma lição de glória e de honra. A sua obra é uma lição de legado e de herança.

O *Jornal*, 30/6/1978  
 Discurso de MD no Cemitério dos Prazeres



**CARAÇA E A ARTE**

Mário Dionísio  
 A arte é uma forma de expressão que reflete a realidade e a cultura de uma época. A obra de Bento de Jesus Caraça é uma lição de resistência e de luta contra o fascismo. A sua vida é uma lição de coragem e de sacrifício. A sua morte é uma lição de dor e de luto. A sua memória é uma lição de honra e de respeito. A sua obra é uma lição de sabedoria e de amor. A sua vida é uma lição de exemplo e de inspiração. A sua morte é uma lição de tristeza e de saudade. A sua memória é uma lição de orgulho e de admiração. A sua obra é uma lição de conhecimento e de compreensão. A sua vida é uma lição de experiência e de maturidade. A sua morte é uma lição de despedida e de partida. A sua memória é uma lição de recordação e de lembrança. A sua obra é uma lição de legado e de herança. A sua vida é uma lição de história e de cultura. A sua morte é uma lição de reflexão e de análise. A sua memória é uma lição de crítica e de avaliação. A sua obra é uma lição de síntese e de conclusão. A sua vida é uma lição de luta e de luta. A sua morte é uma lição de vitória e de triunfo. A sua memória é uma lição de glória e de honra. A sua obra é uma lição de legado e de herança.

Seara Nova, Out. - Nov. 1978



**MÁRIO DIONÍSIO EVOCACÃO DE BENTO CARAÇA**

Evocar Bento Caraça é evocar todo um passado de opressão e de glória. Porque nunca essa opressão, mais evidente ou mais dissimulada, na vida colectiva e no terror ou apatia longamente instalados na vida de cada um, conseguiu evitar, pela simples reacção ou pela acção organizada, a luta contra ela.

Evocar Bento Caraça é evocar uma série interminável de amigos conhecidos e desconhecidos, grandes figuras da Resistência portuguesa, de sectores e tendências bem diferentes: Paládio Valente, Manuel Mendes, Mário de Azevedo Gomes, Alberto Emílio de Araújo, tantos outros — expulsos das suas funções que exemplarmente exerceram, exilados outros ou aniquilados no Tarrafal, como Bento Gonçalves ou Mário Castelhanho,

Vértice, Set.--Nov. 1978

É nesse longínquo 1978 de homenagem que MD escreve **Bento de Jesus Caraça – um sonhador de realidades futuras**<sup>99</sup>, **Evocação de Bento Caraça**<sup>100</sup> e **Caraça a Arte**<sup>101</sup>. Todos estes textos começaram por ser intervenções públicas em voz alta. Impossível não ler o início do longo texto **Evocação de Bento Caraça** que por ele dirá tudo (ou quase) desta questão do «para que é que a memória pode servir», misturando pessoas e pessoas, pessoas e factos (de que falaremos a seguir), tornando o ontem em hoje, não para fazer o hoje igual a ontem (não é saudade), mas fazer o hoje diferente do que está a ser, se se souberem coisas «especiais», excepcionais, do ontem.

Evocar Bento Caraça é evocar todo um passado de opressão e de glória. Porque nunca essa opressão, mais evidente ou mais dissimulada, na vida colectiva e no terror ou apatia longamente instilados na vida de cada um, conseguiu evitar, pela simples recusa ou pela acção organizada, a luta contra ela.

Evocar Bento Caraça é evocar uma série interminável de amigos conhecidos e desconhecidos, grandes figuras da Resistência portuguesa, de sectores e tendências bem diferentes: Pulido Valente, Manuel Mendes, Mário de Azevedo Gomes, Alberto Emílio de Araújo, tantos outros — expulsos uns das funções que exemplarmente exerciam, exilados outros ou aniquilados no Tarrafal, como Bento Gonçalves ou Mário Castelhana, outros ainda desaparecidos na bruma da clandestinidade, mortos na tortura dos interrogatórios ou em plena rua, a tiro, como o jovem escultor Dias Coelho.

Mas evocar Bento Caraça, para mim, é recuar ainda mais nesse tempo perdido, que afinal o não foi, tentar em vão prender o que nos foge. Pois, revendo com nitidez locais de encontro e sessões de trabalho, vendo-lhe ainda o gesto sempre sereno, ouvindo ainda a sua voz, vendo ainda o seu sorriso, cuja quase imperceptível ironia se transformava logo em compreensão acolhedora, não me é possível precisar, nem quando, nem como, nem onde o conheci. Parece-me tê-lo conhecido desde sempre. E nesse sempre impreciso, de luta aberta ou surda, de descoberta, desencanto e esperança — mas esperança não reórica, fundamentalmente vivida entre a força poderosa da inocência e a das grandes opções definitivas —, a sua figura se mantém iluminada, com uma intensidade particular, que não hesito em classificar de deslumbrante.

Ainda nesse ano, em Julho, MD participará num colóquio sobre Caraça, muito diferente, durante uma Feira do Livro e do Disco na Cooperativa Piedense (Cova da Piedade) e, em Novembro, em sessões sobre ele nas Universidades do Porto (Faculdade de Belas-Artes) e de Aveiro. Mais tarde, em 1981, com Dias Lourenço e Fernando Piteira Santos, nos Paços do Conselho de Setúbal, MD utilizará o texto publicado na *Vértice* uns anos antes.

É Maria Letícia, sua mulher, que estará nas homenagens dos anos 2000, a convite da CGTP. O filho, João Caraça, é um dos fundadores — da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, e aí participou numa sessão sobre o pai, onde António Pedro Pita sobre ele falou.

<sup>99</sup> *O Jornal*, 30/6/1978-RI-DA-3-Doc53

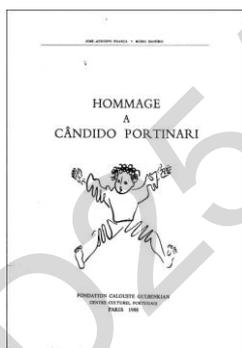
<sup>100</sup> *Vértice*, Set.--Nov. 1978-PP001. A-Arm1-Ver

<sup>101</sup> *Seara Nova* Out.--Nov. 1978 - PP046. A-Arm1-Cx.49-Seara N

No Arquivo MD existem vários textos de Caraça publicados no *Diabo* e muitas notas de MD sobre ele, sobretudo para preparação de conferências<sup>102</sup>.

Outro caso, também completamente à parte, outra referência na vida e obra de MD, é **CÂNDIDO PORTINARI**, que morreu envenenado pelas tintas em 1962, com 58 anos. Há dois grandes dossiês chamados «Portinari» no Arquivo MD: textos impressos, manuscritos, dactilografados, imagens a preto e branco e a cores (fotografias e recortes)<sup>103</sup>.

Em Junho de 1986, MD vai a Paris (é a última viagem que faz ao estrangeiro)<sup>104</sup>, convidado pelo filho de Portinari (que conheceu em criança), melhor dizendo pelo Projecto Portinari que este pôs em marcha (e de que MD será um dos fundadores)<sup>105</sup>, fazer na Fundação Gulbenkian de Paris uma conferência em francês sobre Portinari, **Mes souvenirs d'un grand peintre** – memórias e não só – publicada em *Hommage à Cândido Portinari*<sup>106</sup>, que inclui também um texto de José--Augusto França. Conferência que será feita em português, no ano seguinte, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, pelo meio de outros acontecimentos em torno de Portinari, no lançamento do «Projecto Portinari», o que é relatado do seu *Diário* e objecto de muita correspondência que está no seu arquivo.



A conferência, que em português se chamou «Saudades de Portinari»<sup>107</sup> começa por contar o momento em que MD descobriu Portinari:

Caminhava contra o vento. E, sob a chuva, dizia mal à minha vida, quando uns papéis, vindos não sei de onde, se me embrulharam nas pernas de tal modo que tive de usar as mãos para livrar-me deles.

---

<sup>102</sup> Cx.7-Doc059

<sup>103</sup> DOS-POR 1 e 2

<sup>104</sup> Cx. 9-Doc9

<sup>105</sup> *Projecto Portinari: Um homem, um tempo, uma nação*. Dir. João Cândido Portinari, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sd - Documento policopiado dactilografado: Projecto acerca do trabalho de Portinari. C./ testemunhos de Jorge Amado, António Callado, João Cândido Portinari, Clarival do Prado Valladores, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Alceu Amoroso Lima, José Lins do Rego, Elias Fajardo da Fonseca, Louis Aragon, René Huyghe, Germain Bazin, Jean Cassou, André Lentin, Raymond Cogniat, Chadlez de Brozzard, Pedro Nava, Eugénio Luraghi - B-3-12-13 e B-3-12-12. Corresp. DOS-3-27, DOS-5-28 e 29, DOS-5-15, DOS-7-29-9 e 10

<sup>106</sup> MD, *Hommage à Cândido Portinari*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1988 (A-1-5-18)

<sup>107</sup> DOS-POR-doc9

Mas que vinha a ser aquilo? Duas ou três páginas duma revista rasgada, papel velho que o vento fazia esvoaçar. Essas páginas, porém, tinham gravuras, fotografias, reproduções de quadros, coisa rara ao tempo, pelo menos entre nós. Vivíamos numa ilha bem isolada do mundo, era o fascismo. E aqueles quadros irradiavam uma força tão explosiva e tão estranha, tão selvagem, sedutora, que parei, sem já querer saber da chuva nem do vento para nada, a tentar decifrar essa mensagem que o mau tempo se encarregara de fazer chegar à minha ignorância vergonhosa. Pois assim terei de chamar ao facto de desconhecer até aí o nome de Portinari, que já então pintara muitos quadros notáveis, académicos (sobretudo retratos) e anti-académicos, como *Morro, Café*, sem falar nos frescos do Ministério da Educação Nacional, no Rio de Janeiro, uma composição monumental de trinta e dois metros por três. Negros musculosos, de tronco nu e mãos quadradas, a construir um país. Gigantes curvados ao peso da cana e de sacos enormes. Gigantes em luta com a cultura do café, do tabaco, do algodão, a criação do gado, a extracção do ouro, todo o desenvolvimento económico dum país enorme: uma epopeia. Havia ainda nessas folhas rasgadas, o retrato do artista em mangas de camisa, atrás de grandes latas onde preparava as suas tintas, olhando-as de sorrisinho travesso e o mais feliz possível: estaria a ver ali céus e infernos, um imenso combate de sofrimento e glória, a miséria procurando a sua voz.

E era aquele homenzinho que criava tais gigantes?

Mário Dionísio tornar-se-á seu amigo. Escreverá muitos textos sobre esse «homenzinho», também na altura da sua morte<sup>108</sup>. O primeiro desses muitos textos é de 1946, quando Portinari vem a Lisboa: *Com Portinari, no Tejo*<sup>109</sup>. MD estará com ele em Paris na altura de uma grande exposição Portinari<sup>110</sup>, corresponder-se muito com ele, e com a mulher<sup>111</sup>. Com o filho, a partir de certa altura<sup>112</sup>. É a ele, que colabora na *Vértice* e entra em litígio com Lima de Freitas<sup>113</sup>, que dedica o artigo *O sonho e as mãos*<sup>114</sup>, peça fundamental da polémica do Neo-Realismo, em que Portinari foi seu aliado.

<sup>108</sup> MD, «Portinari», *Diário de Lisboa*, 15/2/1962 - RI-DA-2-Doc7; MD, «Testemunhos», in *Gazeta musical e de todas as artes*, Mar. 1962 - PP005. A-Arm1-Cx.49-GMA

<sup>109</sup> MD, «Com Portinari, no Tejo», *O Globo* n.º 1 (2.ª série), 31/5/1946 - PP159. A-Arm1-Pasta B-Globo

<sup>110</sup> MD, «Portinari em Paris: chegou, viu e venceu», *Diário de Lisboa*, 8/11/1946 - RI-DA-1-Doc42

<sup>111</sup> DOS-5-26, DOS-5-27, DOS-5-30

<sup>112</sup> DOS-5-28 e DOS-5-29

<sup>113</sup> FREITAS, Lima de, «Carta aberta a Portinari», *Vértice*, Jun. 1953 - PP001. A-Arm1-Ver; PORTINARI, Cândido, «Uma carta de Portinari», *Vértice*, Out. 1953 - PP001.A-Arm1-Ver

<sup>114</sup> *Vértice*, Jan. 1954



Sintra, diante do Palácio da Vila. MD c./ Portinari e família, Redol e António Fiadeiro.

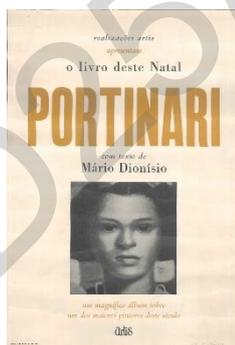
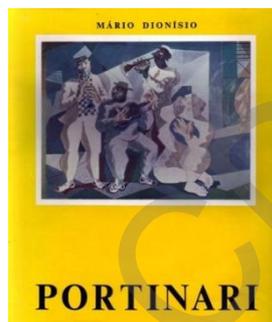


Diário de Lisboa, 81/11/1946



O Globo n.º 1 (2.ª série)

Faz um álbum sobre ele, previsto desde 1946 e que só sairá, noutra editora, em 1963, quando Portinari já tinha morrido<sup>115</sup>. Há duas obras de Portinari no Espólio Artístico de MD<sup>116</sup>.



Sobre amigos conhecidos, como estes, nesses anos 40, com quem esteve em lutas e organizações, mas com quem veio a ter divergências, escreve MD, no pós-25 de Abril, quando eles ainda estão vivos e são homenageados. Aí não se trata de «fazer dos mortos vivos» porque ainda estão vivos e são personalidades importantes, mas de lembrar, pelo meio dum presente diferente, o que eles tinham sido no passado, a parte deles que mais lhe interessa, querendo fazer com que os outros também por ela se interessassem, elidindo ou atenuando, nestes casos, as divergências.

**FERNANDO LOPES GRAÇA.** Companheiro na polémica «Ficha 14» (1943-44), nas «Marchas, Danças e Canções» (1946), na polémica do Neo-realismo (1952-54) e na saída do PCP (1952), na *Gazeta Musical e de todas as Artes*, frequentador irregular dos serões ao sábado em casa

<sup>115</sup> MD, *Portinari*, Artis, 1963- A-1-5-15 e A-1-5-16. Cartaz : EAC-DOC01

<sup>116</sup> EA-OT-D022 -Cândido Portinari, S.tit, 1955 Lápis de cera sobre Papel, 32 x 30; EA-OT-D023 -Cândido Portinari, S.tit. [3 mulheres de joelhos] 1951, Tinta da china sobre papel, 24 x 19)

de MD, ligação principal de MD com Vieira da Silva, etc., etc., Fernando Lopes Graça já tinha nesta altura regressado ao PCP. MD não sabe quando nem porquê.

Sobre ele escreve, nos 70 anos do compositor, **Contra tudo e contra todos que**<sup>117</sup>, como muitos outros escreverão também. Fica aqui o final:

**"Tanto a cultura popular e no a arte popular" - escreve ele, e certamente o faria sobre toda a arte e toda a cultura - "logo que são organizadas, logo que são dirigidas, deixam de ser verdadeiramente populares e passam a ser coisas artificiais, que perderam toda a sua razão de ser, todo o viço e toda a ingenuidade que lhes advém do facto de serem actividades espontâneas e desinteressadas da alma ou da vontade de expressão artística do povo. Deixam de ser um fim em si mesmas para se transformarem num meio ao serviço de interesses de outra ordem, interesses que nada têm que ver com a cultura e com a arte, e que só não revelam o seu verdadeiro nome porque aos homens, a certos homens, pelo menos, sempre agradou mascarar as suas verdadeiras ideias, ambições ou apetites com palavras bem soantes, com palavras que garantam aos seus próprios olhos e, sobretudo, aos olhos dos outros, a pureza, a sublimidade dos seus actos..."**

**Recordar tudo isto no aniversário de Lopes Graça, não sei se será considerado, pelo menos, extemporâneo. Para mim é, contudo, a melhor e mais sincera homenagem que saberia prestar-lhe.**

## FERNANDO NAMORA

No catálogo de exposição de pintura e biobibliográfica. de Fernando Namora, de 1988<sup>118</sup>, MD escreve um pequeno depoimento, **Um (rico) parente meu**, como muita outra gente, gregos e troianos. Aí, dissidências e reservas entram, amavelmente, bem mais claras do que no depoimento sobre Fernando Lopes Graça, como é natural. A maior questão aqui não é o regresso «pela calada» ao PCP, mas a adesão ao marketing, pelo menos em certa altura. Fernando Namora morreria pouco depois, em 31 de Janeiro de 1989, aos 69 anos.

Gastamos o tempo por aí, a dar voltas ao mundo ou à nossa aldeia e só um dia percebemos, tarde, que temos uma família geralmente dispersa apesar de pequena. São "os nossos". Vemo-los de longe em longe mas temo-los sempre perto. É o caso, para mim, do Fernando Namora.

Conheci-o (imagem de grande nitidez) na redacção de *O Diabo*, em S. Pedro de Alcântara, que eu então co-dirigia e onde ele viera, de Coimbra, oferecer pessoalmente, para crítica, o seu romance *As Sete Partidas do Mundo*, escrito dos 17 aos 19 anos, que era a sua idade,

<sup>117</sup> *Diário de Lisboa*, 17/12/1976 - RI-DA-3-Doc100. Original: Cx.7-Doc057

<sup>118</sup> *Fernando Namora - 50 anos de vida literária*, Galeria do Casino do Estoril, 1988 -A-1-6-20

pois estávamos em 38. Baixo, muito moreno, magro e rijo, olhos cheios de alegria e confiança, já publicara, meses antes, outro livro, de poesia. Estava lançado para longe.

Anos depois, uma mesa do Palladium. Eu, com as cismas do costume, que talvez fosse impossível vencer o nevoeiro que nos cercava: censura, incultura, indiferença. Ele que não. Que alguns se haviam de salvar. Era dele a razão. O seu caso mostrou.

Houve certamente desencontros nos nossos rumos de escritor. Eu, com os meus dois ou três livros, ele com aquela aluvião que lhes estava e está levando o nome a toda a parte.

.....

Meu parente Namora. Na sua obra contou sempre mais aquilo de que mais gosto do que aquilo de que gosto menos. Já o tenho relido, por isto ou por aquilo, apenas por prazer. Mas ter vontade de relê-lo todo, como agora sinto, não é assim tão vulgar.

Sobre livros de Fernando Namora, companheiro do Neo-Realismo (Novo Cancioneiro, Col. Novos Prosadores), MD escreveu vários textos até 1952, no *Diabo*, na *Vértice*<sup>119</sup>. Foi um texto na *Gazeta musical e de todas as artes*, em 1960, que gerou entre eles uma polémica em breve sanada, onde a questão do «marketing» entrava<sup>120</sup>. MD só escreveria depois do 25 de Abril mais dois textos sobre Fernando Namora: **Um livro da terra**<sup>121</sup> e, perto do fim da vida de Namora, este **Um (rico) parente meu**.

Ambos são referidos nos *Diários*. Dos dois há Correspondência no Arquivo<sup>122</sup>. E há fotos com cada um deles. Em situações diferentes.



7/7/1966 - Lisboa, Academia dos Amadores de Música. Conferência de MD. Homenagem a Fernando Lopes Graça e Vieira da Silva. MD com Lopes-Graça. No público: José Gomes Ferreira, Abel Manta.

<sup>119</sup> MD, «Livros - *As sete partidas do mundo* de Fernando Namora, 1938», *O Diabo*, 7/1/1939; MD, «A noite e a Madrugada de Fernando Namora», *Vértice*, Mar. 1951; MD, «*Casa da Malta*, de Fernando Namora, 2.ª edição», *Vértice*, Abr. 1952.

<sup>120</sup> MD, «O talento e a ambição», *Gazeta musical e de todas as artes*, Mar. 1960

<sup>121</sup> MD, «Um livro da terra», *Diário de Notícias*, 17/10/1974- RI-DA-3-Doc1

<sup>122</sup> Corresp Fernando Lopes Graça – DOS-3-30-Doc10 ( também sobre Pulido Valente). Corresp. Fernando Namora - DOS-5-1



24/4/1967  
Lisboa, Livraria Divulgação.  
Sessão de Autógrafos de Odylo da  
Costa Filho. Álvaro Salema,  
Fernando Namora, Cardoso Pires



Manif. 1º de Maio 1974  
Fernando Namora, MD,  
Joel Serrão

Passamos agora aos textos que narram histórias quase todas da resistência, esquecidas ou mal contadas, a que nem sempre a política-política nem a cultura-cultura, atribuíam grande importância, contadas por Mário Dionísio de maneiras diferentes das habituais. Nalgumas entram algumas das personagens já referidas.

Escolhi **quatro histórias** apenas, umas mais pequenas outras maiores, umas nacionais e outras mundiais, pela ordem mais ou menos cronológica em que foram recordadas:

### A primeira: AS EXPOSIÇÕES GERAIS DE ARTES PLÁSTICAS

A apreensão de quadros pelo ministro de Salazar Cancela de Abreu e pela PIDE na II EGAP (1947) é contada no *Diário de Notícias*, logo em 1975, porque as histórias ligadas às artes e à cultura não costumavam fazer parte da história da resistência: **Para a história da resistência portuguesa.**<sup>123</sup>



MD voltará a falar disso em **As Artes plásticas e o fascismo / Arte e fascismo**<sup>124</sup>, a sua intervenção na sessão de 9/4/1978 do Tribunal Cívico Humberto Delgado (iniciativa da UDP com independentes), a que MD pertenceu, na *Voz do Operário*, lida por Mário Viegas porque MD, doente nessa altura, não pôde estar presente<sup>125</sup>.

<sup>123</sup> MD, «Para a história da resistência portuguesa», *Diário de Notícias*, 5/3/1975 - RI-DA-3-Doc4

<sup>124</sup> MD, «Arte e fascismo» / «As artes plásticas e o fascismo», *Boletim da FAPIR*, Abr.-Mai. 1978 - PP031. A-Arm1-Cx.48-BF

<sup>125</sup> MD, *Diário*

E volta a falar das EGAPs no seu texto sobre Keil do Amaral, que só saiu no catálogo de uma grande exposição sobre o «arquitecto e humanista» que já referimos, quando MD já tinha morrido (ver p.22).

Era importante para MD que a memória, se fosse para servir para alguma coisa, se fizesse também com o que se passou, durante o fascismo, na cultura e nas artes, o que não acontecia, ou acontecia pouco, quando esta «área» ainda não era (ou era pouco) «indústria», fonte de emprego e objecto de estudos universitários.

Tratava-se de relembrar (ou informar, para alguns «revelar») que as Exposições Gerais de Artes Plásticas tinham existido, a partir de 1946, organizadas por uma comissão do MUD (a que MD pertenceu, e liderava, porque era do PCP e considerava a arte parte importante, para não dizer fundamental, da resistência ao fascismo), na SNBA, uma velha instituição que tinha sido «ocupada» por quem queria um «um mundo novo» e era contra o «academismo», que as EGAPS eram exposições sem júri ao contrário dos salões sazonais, que o que reuniu muitíssimos artistas nessas exposições, a que MD chama «grande comício sem palavras», era nunca terem exposto no SPN (Secretariado de Propaganda Nacional) ou no SNI (Secretariado Nacional de Informação), órgãos de propaganda do Estado Novo, ou comprometerem-se a não mais exporem, se já tivessem exposto – e vários, e muitos deles «insuspeitados», tinham exposto no SNI, a partir de 1945, durante e depois de António Ferro, e antes no SPN, de 1933 a 1945.<sup>126</sup>

Parêntesis: a pensar nisto tudo, agora que os artistas voltaram a ser mesmo «só» artistas, a Casa da Achada fará em breve uma exposição e um ciclo à volta da II EGAP de 1947, a que vai chamar **Um grande comício sem palavras**, expressão do artigo de MD **Para a história da resistência portuguesa**.

### **A segunda: a REVOLUÇÃO DE OUTUBRO, nos seus 60 anos, em 1977**

Quatro textos lhe dedica MD: um primeiro que ocupa um destacável de 4 pp do *Diário de Lisboa – A revolução de Outubro e a Cultura*<sup>127</sup>, ilustrado com imagens porventura esquecidas (ou nunca vistas), que sai na véspera de uma sessão organizada pela Associação de Amizade Portugal-URSS.

Mário Dionísio tinha sido convidado para a Comissão Promotora dessas comemorações, não tinha aceitado, atendendo à constituição da Comissão, foi convidado para a mesa da presidência da sessão e aceitou. Escreve um texto, é impedido de o ler por não estar no programa. Por isso, não vai para a mesa. O texto sairá na *Vértice*, por proposta insistente de Joaquim Namorado **Discurso sobre Outubro**<sup>128</sup>, assunto de que já falámos<sup>129</sup>. Dois dias depois

---

<sup>126</sup> Existem catálogos do SPN e do SNI no Arquivo MD que dizem quem foram uns e outros: Cx.20-Doc001 a Doc018. E também o catálogo da Bienal de S. Paulo de 1953 (Cx22.Doc016) - a participação nesta Bienal, via SNI, de artistas das EGAPs fez com que MD as abandonasse em 1954 (DOS-2-23A -Doc1).

<sup>127</sup> *Diário de Lisboa*, 4/11/1977 - RI-DA-3-Doc30

<sup>128</sup> *Vértice*, Nov.-Dez. 1977 - PP001. A-Arm1- Ver

<sup>129</sup> Ver p. 19

da sessão em que foi impedido de usar da palavra, MD publica **No 60.º aniversário da Revolução de Outubro**<sup>130</sup>, e escreverá ainda **Celebremos Outubro**<sup>131</sup>.

Tratava-se de «celebrar» o acontecimento social, político, com muita arte dentro (Maiakoski, que se suicidará em 1930, Eisenstein, e não só) que, para MD, foi o mais importante do século, e de denunciar a sua «evolução», nomeadamente no capítulo das artes – o mau entendimento de «ao serviço de» (título de um capítulo de *A Paleta e o Mundo*), o retrocesso histórico do chamado «realismo socialista» e, indirectamente, chamar a atenção para o facto de ser impossível haver (ou ter havido) «revolução» em Portugal (nesta altura em retrocesso) – se é que alguma vez existiu, que nunca existiu, chega ele a dizer<sup>132</sup> –, passando ao lado ou por cima destas histórias consideradas secundárias – pelo poder e não só.



### A terceira: o TARRAFAL, em 1977-1978

Um texto de MD sobre o Tarrafal será publicado duas vezes no *Diário de Lisboa*, em Nov. de 77 (pouco depois das comemorações da Revolução de Outubro, na mesma altura em que assina o «Apoio de intelectuais e artistas» a uma manifestação convocada por organizações de trabalhadores de Lisboa e de Setúbal contra o aumento do custo de vida, o desemprego, pelo direito ao trabalho<sup>133</sup>, etc.) e, uns meses depois, em Fev. de 1978, **Honar os nossos maiores**<sup>134</sup>.



<sup>130</sup> *Diário Popular, 7/11/1977 - RI-DA-3-Doc32*  
<sup>131</sup> *Seara Nova, Nov. 1977 - PP046. A-Arm1-Cx.49-Seara N*  
<sup>132</sup> «Ou a Revolução se defendia, ou nunca chegaria a sê-lo. Como não chegou». MD, *Autobiografia, 1987*  
<sup>133</sup> «Apoio de intelectuais e artistas», *Diário de Lisboa, 18/11/1977 - RI-DA-3-doc34*  
<sup>134</sup> *Diário de Lisboa, 18/11/1977 e 17/2/1978 - RI-DA-3-Doc35 e RI-DA-3-Doc45*

Quando o texto sai pela segunda vez, MD tinha escrito no mês anterior, a uns dias da constituição do governo PS-CDS, **Atenção, Mário Soares!**<sup>135</sup>, em que se tinha servido bastante da memória:

**[...] estou onde sempre estive, desde que nos conhecemos, há um ror de anos, no meu local de trabalho nessa altura, de que era proprietário e director um velho e grande amigo, por sinal seu pai. [...]**

**Não era eu ainda o independente (forçoso) que [...] passei a ser, um pouco como os crentes que, sem deixarem de crer — ou talvez por muito crerem — não há igreja que os satisfaça. [...]**

**Uma coisa nos separa desde logo: Você é um político nato, vive para isso, assim se realiza, e a tal ponto que me inclino a pensar que a situação espinhosa em que neste momento se encontra lhe deve dar real satisfação, apesar do cansaço ou certo desencanto que lhe vejo no rosto, por mais habilmente que tente disfarçá-lo; eu considero os políticos (de carreira) um mal (por enquanto) necessário, detesto os jogos em que os políticos se comprazem e não ambiciono nenhum lugar, por mais honroso, como por experiência sabe.**

**Mas outras coisas quero crer que nos unem. O passado que não esqueço. [...]**

Pouco depois de ter escrito este texto, MD presidiu no Liceu Camões, onde dava aulas, a uma sessão sobre o Tarrafal, a convite dos professores do PCP desse Liceu, o que o levou a exercer as suas «artes pedagógicas», para que a sessão fosse diferente daquela que os seus promotores tinham resolvido fazer.

Uns extractos do Diário<sup>136</sup>:

**Os PCs do Liceu (são muito poucos e, ainda por cima, usam uma tática de ghetto que só os prejudica) propõem-me que presida a uma sessão de homenagem aos presos do Tarrafal que pensam fazer. Aceito o convite, é evidente, mas quero saber quem organiza a sessão. Explicam-me que «é um grupo de professores», o que me parece insuficiente, quando existe uma Comissão Directiva de esquerda, há delegados sindicais em plena actividade, uns e outros asseguram uma política de unidade no liceu. Torcem o nariz e acrescentam que estará presente um preso do Tarrafal. Quem? Depois mo dirão, porque ainda não sabem.**

**Os meus amigos PCs dizem-me que o homem do Tarrafal a participar na sessão é o Francisco Miguel, o que tem o meu imediato assentimento, mas afixam cartazes no Liceu mais ou menos com estes dizeres em grandes letras: Colóquio sobre o Tarrafal/ MÁRIO DIONÍSIO-FRANCISCO MIGUEL. Explico-lhes que estão a trabalhar mal. As convocatórias para a sessão são anónimas, o que nunca acontece nestes casos. Delegados sindicais e Comissão Directiva não estão ao facto do acontecimento (excepto um elemento da Comissão Directiva, que lhes é mais chegado, para efeito de cedência da sala). Ponho-lhes o meu «ultimatum»: Só estou interessado numa política de Unidade (a sério); ou eles põem o problema à Comissão Directiva e delegados sindicais, uns e outros participam na mesa da sessão, se faz uma homenagem aos presos do Tarrafal efectivamente do Liceu e terei todo o prazer em estar**

<sup>135</sup> MD, «Atenção, Mário Soares!», *Diário Popular*, 4/1/1978 - RI-DA-3-Doc47

<sup>136</sup> MD, *Diário*. 20/1/1978, 21/1/1978, 24/1/1978

presente, ou eles insistem em fazer as coisas sozinhos e comparecerei, mas na plateia, só para assistir.

O problema foi resolvido satisfatoriamente. Fez-se a sessão como devia ter sido feita. A Comissão Directiva do Liceu assinou um convite (afixado na sala dos professores), tanto ela como os delegados sindicais estiveram presentes, eu presidi à sessão [...] e falou por fim o Francisco Miguel, que é não só um exemplo de coragem como uma simpatia de pessoa. À minha esquerda, sentou-se o Armando Martins de Carvalho, carpinteiro, que, no campo de concentração, fazia os caixões para os camaradas que morriam. Tudo decorreu muito bem, apesar da meia dúzia de dúzia de alunos do MIRN que em pé, ao fundo da sala, se preparavam para a arruaça, mas se encolheram. Falei com os olhos postos neles. E, a dada altura, quando o Francisco Miguel falava, saíram uns atrás dos outros e limitaram-se a, no pátio, gritar: «Salazar! Salazar! Salazar!»

MD guardou os tópicos da sua intervenção. Estão no seu Diário.

MD fazia parte da Comissão que promoveu a homenagem nacional, apelou à população para que participasse no cortejo que levou os mortos do Tarrafal ao Cemitério do Alto de S. João, em que evidentemente se integrou, depois de terem estado em câmara ardente nas Belas-Artes, as 32 urnas dos antifascistas mortos no Tarrafal.<sup>137</sup>

Não era só pela escrita que a memória poderia servir. A rua seria fundamental.

**A quarta história não faz parte da grande História, mundial ou nacional, como as duas anteriores. É uma pequena história já esquecida ou nunca sabida em 1981, altura em que é contada: a PASSAGEM DE JORGE AMADO POR LISBOA EM 1953.**

Jorge Amado foi proibido de sair do aeroporto, onde amigos (alguns já falados aqui) foram jantar com ele, vigiados pela PIDE (há documentos da PIDE no Arquivo MD que descrevem uns senhores desconhecidos que por lá estavam, documento que MD nunca leu<sup>138</sup>), MD conta no *JL esta história, para ele grande, no texto pequena história, para ele a não esquecer ou a saber em Reconstituição de um «crime»*<sup>139</sup>. A foto é a mesma que se encontra no seu Arquivo, publicada sem grandes explicações e sem identificações em 1953, anotada por ML<sup>140</sup>.

---

<sup>137</sup> «Em câmara ardente nas Belas-Artes, a partir desta tarde – atravessará amanhã Lisboa o cortejo fúnebre das 32 urnas dos antifascistas mortos no Tarrafal», *Diário Popular*, 17/2/1978

<sup>138</sup> Ver Cx 16 Doc002

<sup>139</sup> *JL*, 21/7/1981 - RI-DA-3-Doc75.

<sup>140</sup> *Diário de Lisboa*, 13/2/53 - RI-SA-4-doc98

### Reconstituição dum "crime"

**Mário Dionísio**

Um crime, a prova, os criminosos.

Em 1937, quando se reconstituiu o crime da morte de Luís de Camões, a imprensa portuguesa publicou uma reportagem que se tornou um clássico. O jornalista Mário Dionísio, então da revista *Diário de Lisboa*, escreveu um artigo que ficou conhecido como "Reconstituição dum crime".

Este artigo, publicado na edição de 13 de Junho de 1937, descreve o assassinato de Luís de Camões, ocorrido em 1572, e tenta reconstituir o crime com base em documentos e testemunhos da época.

Na época, a imprensa portuguesa estava sob o domínio da ditadura salazarista, e a liberdade de expressão era limitada. O artigo de Dionísio foi considerado subversivo e gerou polémica.

Em 1966, quando Jorge Amado chegou a Lisboa, a imprensa portuguesa publicou uma reportagem que se tornou um clássico. O jornalista Mário Dionísio, então da revista *Diário de Lisboa*, escreveu um artigo que ficou conhecido como "Reconstituição dum crime".

Este artigo, publicado na edição de 13 de Junho de 1937, descreve o assassinato de Luís de Camões, ocorrido em 1572, e tenta reconstituir o crime com base em documentos e testemunhos da época.

Na época, a imprensa portuguesa estava sob o domínio da ditadura salazarista, e a liberdade de expressão era limitada. O artigo de Dionísio foi considerado subversivo e gerou polémica.



Num avião de carreira passou em Lisboa o conhecido escritor brasileiro Jorge Amado, que regressa ao Rio de Janeiro, após dois meses de estadia na Europa. Jorge Amado, que embarcou em Genebra, foi cumprimentado no Aeroporto da Portela por algumas figuras inusitadas representativas das Letras portuguesas.

*Jorge Amado  
Alvaro Gomes  
Alves Rebel  
Carlos de Oliveira  
Francisco de Castro  
Dálio Simões*



1966 – Na nova sede da Europa América. Jorge Amado com Redol, MD e outros.

Jorge Amado, quando MD conta esse jantar «subversivo», já era outro, muito outro. Não era aquele sobre o qual MD escreveu em 1937<sup>141</sup>, no *Diabo* (entretanto transformado num jornal de direita, que ainda existe, mudança que foi objecto do inquérito que Luís de Camões fez no *Diário de Lisboa*, *Era uma vez "O Diabo"...*<sup>142</sup>, a que MD naturalmente respondeu), nem mesmo aquele a quem foi prestada homenagem, nas Publicações Europa-América, reunindo muita gente da oposição, em 1966.

Em Portugal tinha passado a ser o autor de «Gabriela Cravo e Canela», a 1.ª telenovela passada na RTP, que fez toda a gente (incluindo muitos militantes) recolher a casa às horas da transmissão, já depois de MD ter saído da RTP, – e que MD não condena. Duas vezes, pelo menos, escreve sobre esse fenómeno: **Não é Gabriela que faz o fascismo**<sup>143</sup>; **Adeus, Gabriela ou quem defende as obras?**<sup>144</sup>

O que acontece é que para MD, seria preciso saber outras coisas (entretanto «apagadas») para viver o presente de outro modo e intervir no rumo da História.

**A esperança de novos sentimentos** é um pequeno texto, dos últimos que MD escreveu, no *Combate*, em que falou dos seus 20 anos<sup>145</sup>. Talvez ajude a entender melhor o que ficou para trás e o que virá para a frente. MD tinha 20 anos na Guerra de Espanha. O dossiê em que está incluído chama-se «Memórias: modos de usar». Escreveram também aí Augusto Abelaira (20 anos em 1945), Fernando Assis Pacheco (20 anos em 1960), Luis Miguel Cintra (20 anos em 1968), Luis Lucas (20 anos em 1974). Vêm-se semelhanças e diferenças.

<sup>141</sup> MD, A propósito de Jorge Amado – I, *O Diabo* 14/11/1937, A propósito de Jorge Amado – II, *O Diabo*, 21/11/1937, A propósito de Jorge Amado – III, *O Diabo* 5/12/1937 - PP006. A-Arm1-PastaA-D

<sup>142</sup> «Era uma vez "O Diabo"...», *Diário de Lisboa*, 13/2/1976 - RI-DA-4-Doc46

<sup>143</sup> *Opção* 6/10/1977 - RI-DA-3-Doc20

<sup>144</sup> *Diário Popular*, 17/11/1977 - RI-DA-3-Doc33

<sup>145</sup> *Combate*, Jul.-Ago. 1990 - PP025. A-Arm1-Cx.47-COMB

# 1936

## MÁRIO DIONÍSIO

### A esperança de novos sentimentos

OS MEUS 22 ANOS, OU SEJA, 1936, NÃO POSSO EVOCAR essa data longínqua, separando-a da própria crise (de crescimento?) que então me marcava. Por um lado, era ainda muito dado a festas e amores passageiros (herança do meu pai), por outro, já todo me inclinava para a literatura (herança da minha mãe) e me sentia como que mobilizado para a luta que tentava levantar explorados contra exploradores. Era mais do que um anseio pela liberdade que a ditadura salazarista nos roubava. Sonhava-se com uma justiça social e com a criação dum mundo novo – o homem novo.

Na sua forma mais ingénua, um eco disto aparecera em dois livretos que viria a riscar da minha lista bibliográfica, tão ingénuos efectivamente eram. Frequentava então o 2.º ano da Faculdade de Letras de Lisboa. Dois anos antes co-fundara e co-dirigia o semanário *Gleba*, que só teve cinco ou seis números. No ano anterior pertencera ao grupo redactorial do jornal *Liberdade*. Estava, como se diz, lançado.

Mas o grande acontecimento de 1936 foi o início da Guerra Civil de Espanha. Era uma luta desesperada (e aqui mesmo à porta) que me (nos) passou a preocupar de manhã à noite, a tudo se sobrepondo. Ouvi na rua, em qualquer aparelho de rádio posto no máximo (eles, sim, eram livres de gritar), a proclamação dos rebeldes, lida salvo erro por Queipo de Llano, contra a República implantada em Espanha por legalíssimas eleições.

Foram três anos de ansiedade, com o ouvido colado aos aparelhos de rádio para, através de insuportáveis e constantes interferências, sabermos dos avanços e recuos duma luta tão bárbara como não se conhecia nos tempos modernos. Os fiéis ao Governo legal que, apanhados junto à nossa fronteira, buscavam entre nós um local de refúgio, eram presos e entregues aos franquistas, que os fuzilavam em massa, por exemplo, na Praça de Touros de Badajoz. Nos cafés do Rossio, que então havia, juntavam-se muitos antifascistas, cada um supondo saber mais do que qualquer dos outros, comunicando-se em vozes segregadas, estratégias de combate que levariam à vitória desejada, tudo sonhos.

Comecei por essa altura as minhas lides clandestinas (Bloco Académico Antifascista, Socorro Ver-

melho Internacional), escapando de ir parar a Angra por um triz. E estava já escrevendo os meus primeiros poemas que se integravam nas raízes do furivamente tão odiados ou desprezado neo-realismo, bem se percebe porquê. Neles exprimia o meu desespero pelos avanços de Franco, fortemente coadjuvado por Hitler e Mussolini, com uma mãozinha de Salazar, a minha solidariedade para com todos os que sofriam, o meu apelo a que se unissem aqui e em toda a parte. Tudo isto interiorizado e transposto para o desejo de partir "para a pátria instável onde o grito salta das veias" (Espanha, Brigadas Internacionais) ou para a esperança de novos sentimentos, como no "Poema da mulher nova" ("Vejo-te no mundo que não para/como um grande lenço rubro desfraldado./Vejo-te em mim quando me sinto massa/com milhões de braços e de pernas e uma cabeça de anjo"), quase docerto confundida com a colega da Faculdade que viria a ser minha mulher para toda a vida.

Admirava Malraux e Hemingway pela sua acção em Espanha. Gostei muito (algum tempo) dos romances de Gladkov. Gostei sempre da poesia de Alberti e sobretudo, da de Maiakowski, que era certamente a minha referência ideal no ano de 1936. O ano da criação do Terrafal.

# 1945

## AUGUSTO ABELAIRA

### Tempos de fé, afinal

ANTES JÁ TINHA HAVIDO A GUERRA DE ESPANHA. E antes da Guerra de Espanha, as invasões da Abissínia e da Albânia. Tudo guerras, tanto quanto me parecia, em que, assim como maiúsculas, a Opressão procurava estagnar a Liberdade (talvez hoje eu pudesse perguntar-me se a Liberdade assim ofendida não estaria cheia de opressões – o rei Zogu da Albânia, o Négus da Abissínia, etc., etc., mesmo nas democracias – mas, seja como for, não tenho quaisquer dúvidas de que a Opressão era de facto a Opressão).

Devo acrescentar que a circunstância de, logo à partida, eu, que nasci em 1926 com o regime, me ter situado na posição "certa" não me obrigou a qualquer esforço, a qualquer ousada descoberta pessoal: foi uma herança de família. E muitas vezes me interrogo: quais teriam sido as minhas escolhas se o meu pai alinhasse com o regime salazarista?

## 2.

# A memória pode servir para destruir completamente o passado, certo passado

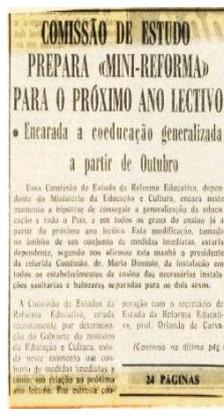
(ou seja: para fazer o contrário do que ele foi e não a sua legitimação e continuação)

Para entender isto, assunto mais complicado do que parece para lá daquilo que tem de «consensual», temos de ir parar sobretudo à segunda área da intervenção de MD depois do 25 de Abril, a aceitação de cargos oficiais – de emergência, e não para a vida inteira. Só no caso das comissões ligadas ao ensino, apesar de problemas vários, as tarefas chegaram ao fim. Gesto «caprichoso» para os mais próximos, e talvez mais «caprichosas» ainda as demissões – que aconteceram quase sempre quando concluía que a intervenção daquela maneira era afinal impossível e/ou a memória nelas não tinha lugar ou tinha pouco.

Aceitou alguns cargos porque a verdade é que alguém teria de dispor-se a aceitar certas tarefas, por mais ingratas e difíceis. Ou a Revolução se defendia, ou nunca chegaria a sê-lo. E acrescenta, aliás: **Como não chegou.**<sup>146</sup>

Foi a **Comissão de Estudo da Reforma Educativa** (a que presidi, logo após o 25 de Abril (era ainda ensinar, era ainda paixão)<sup>147</sup> e a **Comissão dos Textos de Apoio**<sup>148</sup> que decorreu da anterior. Não podiam ser os livros editados antes do 25 de Abril que serviriam para crianças e jovens aprenderem outras coisas, que também nem todos professores sabiam.

Em muitos depoimentos e entrevistas, Mário Dionísio dá conta do que andou a fazer, com mais de 100 professores, em 1974, durante uns meses, e em 1974-1975, encomendando e publicando textos que tornariam o trabalho dos professores e alunos possível e diferente, logo a partir de Outubro de 1974, com as alterações feitas aos programas.



<sup>146</sup> MD, *Autobiografia*, 1987

<sup>147</sup> A-APU-CO-CERA

<sup>148</sup> A-APU-CO-CTA

**IMPORTANTES ALTERAÇÕES AOS PROGRAMAS DE ENSINO PROPOSTAS AO M.E.C.**

Uma Comissão de Estudos do M.E.C. apresentou ao Conselho Superior de Educação e Cultura, em 12 de maio, um relatório com importantes alterações aos programas de ensino de História, Geografia, Física, Química, Matemática e Português, a serem adotados a partir de 1975.

Essas alterações, segundo o relatório, visam à atualização dos conteúdos, à melhoria da metodologia de ensino e à maior articulação entre os níveis de ensino.

Entre as mudanças propostas, destacam-se: a redução da carga horária de algumas disciplinas; a introdução de novos conteúdos, como a História da América Latina e a Geografia Física; a alteração da estrutura dos programas de Física e Química, para dar maior ênfase à prática experimental; e a revisão dos programas de Matemática e Português, visando à melhoria da qualidade do ensino.

Essas alterações serão submetidas ao Conselho Superior de Educação e Cultura para aprovação e, em seguida, ao Conselho Nacional de Educação para homologação.

**NOVOS PROGRAMAS NO ENSINO SECUNDÁRIO**

Vão ser integralmente substituídos os programas de algumas disciplinas do ensino secundário, nomeadamente História e Música, devendo ser introduzidas outras importantes alterações, no próximo ano lectivo, por sugestão da Comissão de Estudo da Reforma Educativa.

Esta Comissão, dependente do Ministério da Educação e Cultura, é presidida pelo dr. Mário Dionísio e pela Participam cerca de 100 professores, organizados em subcomissões interligadas, que procederam à elaboração do estudo já entregue ao ministro Vitorino Magalhães Godinho e que consistiu na revisão dos programas dos cursos primário, preparatório e secundário, sob o aspecto ideológico e de melhor articulação e de melhor articulação e coordenação entre os vários níveis e sectores.

As decisões tomadas têm carácter de emergência, já que não se podem alterar em tão curto espaço de tempo estruturas fundamentais que assinalaram o ensino em Portugal.

Os novos programas dão maior atenção à condução do ensino no ciclo primário, com uma acentuada aproximação feita entre o seu ciclo complementar e o ensino preparatório, por sua vez severamente modificado, a unificação, até onde ela for possível dos programas das disciplinas comuns dos cursos liceal e técnico, a reorganização dos conteúdos curriculares do curso complementar do liceu, onde o Português se tornou obrigatório para todos os ramos, incluindo a unificação com o Francês e o Inglês, e foi criada uma nova disciplina, a Introdução à Política.

**ESTUDO DA REFORMA EDUCATIVA ESPERA APROVAÇÃO MINISTERIAL**

A Comissão de Estudos da Reforma Educativa, presidida por Mário Dionísio, apresentou ao Conselho Superior de Educação e Cultura, em 12 de maio, um relatório com importantes alterações aos programas de ensino de História, Geografia, Física, Química, Matemática e Português, a serem adotados a partir de 1975.

Essas alterações, segundo o relatório, visam à atualização dos conteúdos, à melhoria da metodologia de ensino e à maior articulação entre os níveis de ensino.

Entre as mudanças propostas, destacam-se: a redução da carga horária de algumas disciplinas; a introdução de novos conteúdos, como a História da América Latina e a Geografia Física; a alteração da estrutura dos programas de Física e Química, para dar maior ênfase à prática experimental; e a revisão dos programas de Matemática e Português, visando à melhoria da qualidade do ensino.

Essas alterações serão submetidas ao Conselho Superior de Educação e Cultura para aprovação e, em seguida, ao Conselho Nacional de Educação para homologação.

**SUBSTITUÍDOS INTEGRALMENTE ALGUNS PROGRAMAS DOS ENSINOS PRIMÁRIO, PREPARATÓRIO E SECUNDÁRIO**

A Comissão da Reforma Educativa entregou ao ministro da Educação e Cultura o projecto das medidas a tomar para o próximo ano lectivo.

Entre as medidas propostas, destacam-se: a substituição integral dos programas de História e Música; a introdução de novos conteúdos em História, Geografia, Física e Química; a alteração da estrutura dos programas de Matemática e Português; e a criação de uma nova disciplina, a Introdução à Política.

Essas alterações serão submetidas ao Conselho Superior de Educação e Cultura para aprovação e, em seguida, ao Conselho Nacional de Educação para homologação.

A demissão que se dá, a meio do trabalho, em 9/7/1974, regressando uns dias depois, quando e porque Vitorino Magalhães Godinho passou a ser ministro, deve-se muito, segundo ele, à falta de saneamento, que fazia com que o Ministério estivesse nas mãos dos que lá estavam antes. Ou seja: tornava-se impossível destruir completamente certo passado de que afinal nem todos se queriam ver livres, fazer o contrário do que esse passado tinha sido e não a sua continuação.

**FALTA DE SANEAMENTO NO M.E.C. ENTRE AS RAZÕES DA DEMISSÃO DE MÁRIO DIONÍSIO**

O Presidente da Comissão de Estudo da Reforma Educativa, dr. Mário Dionísio, endereçou, há 100 professores que foram parte da Reforma Educativa uma circular em que expõe as razões da demissão da Comissão e faz uma avaliação da actividade realizada e da orientação que se iria seguir no prosseguimento dos trabalhos.

No que toca às razões da demissão, elas foram, em síntese, as seguintes: impossibilidade de cumprir as tarefas em curso dentro do programa do Movimento das Forças Armadas, por não se ter verificado qualquer saneamento nos quadros directivos do M.E.C., sendo prolongada a hesitação superior sobre pontos fundamentais relativos à orientação da futura Reforma e ainda pelo clima de incerteza, medidas tomadas sobre exames, a que se a Comissão foi sucessivamente objecto e que gerou sereno desânimo.

Depois de referir a situação actual da vida e actividade do pessoal de nível com o Secretário de Estado da Reforma Educativa, com que os trabalhos seceres e decoraram, o dr. Mário Dionísio esclarece que as tarefas em curso não vão satisfazer os prazos de tempo de que se dispunha a Reforma integral da escola, mas apenas a criação dum conjunto de medidas medidas que permitiriam um melhoramento relativo das condições de trabalho no próximo ano lectivo.

Os trabalhos em curso estavam divididos em quatro subcomissões das várias sectores do ensino e abrangiam os seguintes pontos: segundo programa dos ensinos primário, preparatório e secundário, nomeadamente quanto ao carácter ideológico e de possibilidades reais de execução e a uma melhor articulação entre os vários ramos do ensino e a unificação possível dos programas comuns do ensino liceal e técnico, incluindo de mais escolas existentes com vista a uma escola única, situação das quinta e sexta classes do ensino primário, dos terceiro e quarto anos preparatórios do ensino preparatório, dos alunos provenientes do quarto ano preparatório, dos cursos complementares da 2.ª e 3.ª classes técnicas e da regência de opções do curso complementar da 1.ª classe, estabelecimento generalizado da coeducação, possibilidades de extinção da disciplina de Religião e Moral e criação dum disciplina de Introdução à Política.

Por isso, MD aceitará ser vogal da Comissão de Saneamento do Ministério da Educação, em 11/11/1974, não para se «vingar» do mal que lhe fizeram no passado, mas para tornar possível pôr de pé uma escola nova. Demite-se, logo em 9/1/1975, porque o saneamento que está a tentar fazer não é «justo nem profundo», por isso não resolverá nada. São os «pequenos» os saneados. Os «grandes» vão ficando... **O Conselho de Ministros nem queria ouvir falar em tal**, diz ele na sua *Autobiografia*.

**MÁRIO DIONÍSIO DENUNCIA FALTA DE SANEAMENTO JUSTO E PROFUNDO**

Um relatório apresentado ao Conselho Superior de Educação e Cultura, em 12 de maio, por Mário Dionísio, presidente da Comissão de Estudos da Reforma Educativa, denuncia a falta de saneamento no M.E.C. e aponta as razões da demissão da Comissão.

Dionísio afirma que a demissão da Comissão foi resultado da impossibilidade de cumprir as tarefas em curso dentro do programa do Movimento das Forças Armadas, por não se ter verificado qualquer saneamento nos quadros directivos do M.E.C., sendo prolongada a hesitação superior sobre pontos fundamentais relativos à orientação da futura Reforma e ainda pelo clima de incerteza, medidas tomadas sobre exames, a que se a Comissão foi sucessivamente objecto e que gerou sereno desânimo.

Depois de referir a situação actual da vida e actividade do pessoal de nível com o Secretário de Estado da Reforma Educativa, com que os trabalhos seceres e decoraram, o dr. Mário Dionísio esclarece que as tarefas em curso não vão satisfazer os prazos de tempo de que se dispunha a Reforma integral da escola, mas apenas a criação dum conjunto de medidas medidas que permitiriam um melhoramento relativo das condições de trabalho no próximo ano lectivo.

Os trabalhos em curso estavam divididos em quatro subcomissões das várias sectores do ensino e abrangiam os seguintes pontos: segundo programa dos ensinos primário, preparatório e secundário, nomeadamente quanto ao carácter ideológico e de possibilidades reais de execução e a uma melhor articulação entre os vários ramos do ensino e a unificação possível dos programas comuns do ensino liceal e técnico, incluindo de mais escolas existentes com vista a uma escola única, situação das quinta e sexta classes do ensino primário, dos terceiro e quarto anos preparatórios do ensino preparatório, dos alunos provenientes do quarto ano preparatório, dos cursos complementares da 2.ª e 3.ª classes técnicas e da regência de opções do curso complementar da 1.ª classe, estabelecimento generalizado da coeducação, possibilidades de extinção da disciplina de Religião e Moral e criação dum disciplina de Introdução à Política.

**Sobre saneamento**

por MÁRIO DIONÍSIO

Quando se fala em saneamento, logo se pensa em limpeza, em higiene, em saúde. Mas, no contexto da educação, o saneamento tem um significado muito mais amplo e profundo. Refere-se à eliminação das causas que geram problemas sociais, económicos e culturais, e à criação de condições favoráveis para o desenvolvimento humano.

No caso do M.E.C., o saneamento implica a revisão dos métodos de ensino, a melhoria da qualidade dos recursos humanos e materiais, e a promoção de uma cultura de participação e de responsabilidade partilhada.

É importante lembrar que o saneamento não é um fim em si mesmo, mas um meio para alcançar outros fins. O objetivo final é a criação de uma sociedade mais justa e mais equitativa, onde todos tenham acesso a uma educação de qualidade.

149 «Falta de saneamento justo e profundo», *Diário Popular*, 10/1/1975 -RI-DA-4-Doc50; MD, «Sobre saneamento», *Diário de Notícias*, 8/2/1975- RI-DA-3-Doc3

Na mesma *Autobiografia* falará em **luta tenaz, tão sincera como ingénuo [...]. Não me chegara a lição da vida inteira. Lutava contra moinhos, contra o vento.** Não chega a estar lá 2 meses. Demite-se, e os restantes membros da comissão também. Torna públicas as razões.

Regresso à Comissão de Estudo da Reforma Educativa (Estudo da Reforma, e não Reforma, que não se poderia fazer em dois meses) que entretanto tinha terminado os seus trabalhos. Em 27/6/1974, na 1.ª reunião da Comissão de Estudo da Reforma Educativa com todas as subcomissões (aproximadamente 80 pessoas) ficam assentes as normas de trabalho e os objectivos fundamentais:

- a) rever todos os programas de acordo com o programa do Movimento das Forças Armadas, limpando-os de toda a doutrinação fascista;**
- b) tentar uma melhor articulação entre os ensinamentos primário, preparatório, liceal e técnico e a máxima identificação possível entre as disciplinas destes últimos;**
- c) ir tão longe quanto possível numa modificação pedagógico-didáctica nos casos em que as estruturas existentes o tornassem viável;**
- d) criação duma nova disciplina: Introdução à Política, que se pretendia de esclarecimento para indivíduos que, com 18 anos, iriam ter direito a voto;**
- e) estabelecimento da co-educação.<sup>150</sup>**

Co-educação, claro, o que foi conseguido a custo e não dependia desta Comissão. A eliminação da Religião e Moral dos currículos do Estado laico também, o que não dependeria desta Comissão e nunca chegou a acontecer, apesar de proposta logo nesta 1ª reunião por muitos professores que participaram nesta comissão, assim como a abolição dos exames no ensino oficial, como se chamava então ao ensino público.

No relatório final do trabalho de 22/8/1974<sup>151</sup>, MD explicou o que tinha sido feito em dois meses, mais detalhadamente – tudo para abolir tanto quanto possível um passado de que se tinha memória:

**Além das alterações, que em certos casos chegaram à substituição total, feitas nos programas das várias disciplinas de todos os sectores, registem-se os pontos seguintes:**

**1. no ensino primário:**

- **ciclo elementar: actualização geral e normas muito precisas para a condução das aulas.**
- **ciclo complementar: grande aproximação o espírito e programas do ensino preparatório.**

**2. no ensino preparatório:**

**a) substituição do regime de conjuntos por duas áreas de disciplinas:**

- **área de comunicação:** Português, Iniciação à língua estrangeira (com opção entre Francês e Inglês), Educação Visual, Matemática, Música e Educação Física;
- **área de experiência:** Ciências da Natureza, História e Geografia, Trabalhos Manuais, Religião (tornam-se independentes as classificações de Educação Visual e de Trabalhos Manuais);

**3. no ensino liceal:**

---

<sup>150</sup> A-APU-CO-CERA-doc3

<sup>151</sup> A-APU-CO-CERA-doc52

- a) alteração dos conjuntos curriculares do curso complementar, tornando obrigatória para todas as modalidades a disciplina de Português
- b) criação da disciplina de Introdução à Política, também obrigatória em todas as modalidades do curso complementar
- e) criação dum programa de transição, no 3º ano, para os alunos provenientes do 4º ano experimental;

b) alteração de designações:

Português (em vez de Língua Portuguesa), iniciação à Língua Estrangeira (em vez de Francês ou Inglês), Educação Visual (em vez de Desenho), Música (em vez de Educação Musical);

Português: 5 horas (em vez de 4) no 1º ano

Educação Visual: 3 horas no 1º ano (em vez de 4) e 3 horas no 2º ano (em vez de 2)

Educação Física: 3 horas (1+1+1) em vez de 4 (2+2)

4. no ensino técnico:

a) alteração de designação: a disciplina de Desenho passará a intitular-se Educação e Comunicação Visual

b) extinção da disciplina intitulada Regulamentação Geral (curso geral) que poderá ser compensada provavelmente com a Introdução à Política no curso complementar

c) criação dum programa de transição, no 3º ano, para os alunos provenientes do 4º ano experimental (com raras exceções, este programa é idêntico ao agora criado para o ensino liceal, mas, no técnico, só poderá vigorar no ramo comercial, acrescido da disciplina de Contabilidade).

5. profunda remodelação do ensino da Música

6. envio às Direções-Gerais da lista de livros considerados aconselháveis

[...]

Está ainda por resolver, aguardando decisão ministerial, o problema da disciplina de Religião e Moral que, salvo indicações em contrário, deverá chamar-se Religião e o da disciplina de trabalhos nos liceus femininos, cuja extinção se propõe.

Depois de o grosso do trabalho estar terminado (textos de apoio em curso), Mário Dionísio esclarecerá publicamente:

Entretanto, não se pode parar ou apenas esperar. A revisão de programas dos ensinos primário, preparatório e secundário, limpando-os da ideologia fascista e tentando uma melhor articulação entre eles e a possível identificação entre o técnico e o liceal, que o Ministério da Educação e Cultura iniciou logo com o primeiro Governo Provisório, revela a consciência plena de que nenhuma reforma se pode elaborar em dois meses e de que, entretanto, têm, pelo menos, de evitar-se os males maiores.

Foi uma tarefa árdua que se deve ao esforço abnegado de uma centena de professores que compreenderam isso mesmo: não se pode esperar. E novos esforços aguardam esses e todos os professores deste país para a execução, na prática das aulas e em condições evidentemente precárias, do que esses programas pretendem levar a cabo.

E não é só aos professores que tais esforços se exigem. É aos alunos também. E às famílias. A todos os que entendam claramente que o ensino não é uma esfera à parte. Que, no ensino também, tudo depende daquele espírito de empenhamento e dádiva completa, de responsabilidade, entusiasmo e vigilância que tornou possível o levantamento militar do 25 de Abril, a grande jornada cívica do Primeiro de Maio, os piquetes populares do 28 de Setembro.

**Mário Dionísio** 152

<sup>152</sup> MD, «Reformar o ensino», *Vida Mundial*, 24/10/1974.-RI-DA-3-Doc2

Até 1979, MD não deixará de escrever sobre os «males do ensino» que nem a memória de alguns curou, e que continuam, sempre com a memória de um passado que deveria já ter acabado, que não acabou ou que regressa:

**E o ensino?**<sup>153</sup>, **Trabalhadores-estudantes**<sup>154</sup>, **Um gráfico inquietante**<sup>155</sup>, **Abrir as aulas! 1. Tudo estava preparado**<sup>156</sup>, **Abrir as aulas! 2. O que é preciso saber**<sup>157</sup>, **Lisboa é longe**<sup>158</sup>, **O descalabro no ensino**<sup>159</sup>, **Recuar, recuar para o socialismo!**<sup>160</sup> (Sobre processo movido pelo Ministério de Educação contra o C. D. do Liceu Camões, precisamente aquele que tinha convocado a sessão sobre o Tarrafal, por proposta de MD...)

MD fará uma espécie de balanço da situação no Ensino, 5 anos exactos depois do 25 de Abril, contra os que, sem usarem a memória, dizem mal do presente, defendendo o passado: **Ensino e educação antes e depois do 25 de Abril**<sup>161</sup>:

**Confrontando, pois, o antes e o depois do 25 de Abril, grandes mudanças se notam no campo da educação e do ensino. Inegáveis. Há mais gente a estudar, há mais gente a ensinar, há (ainda há) mais liberdade nas escolas, e, sem elas, adeus cultura e autêntica promoção das grandes massas populacionais. Há, contudo, um ponto negro que não se deve esquecer. E vem a ser o contínuo abaixamento do nível da qualidade do ensino. Que não vem do 25 de Abril nem foi causado por ele. Que vem muito e muito de trás. E que, se ele era {e é} muito útil aos propósitos do fascismo, só pode ser motivo de alarme e da mais profunda apreensão para todos nós.**

[...]

**Que se fez depois do 25 de Abril pelo ensino, pela educação, pela cultura? Tentou-se muito. Não devemos esquecer o entusiasmo e a esperança com que, sobretudo nos primeiros tempos, professores, estudantes, trabalhadores dos mais variados quadrantes e localidades tentaram destruir os esquemas escolares obsoletos e se esforçaram por renovar e alargar o âmbito do ensino. Acção sindical dos professores, alteração de programas de acordo com novos objectivos, o fim do «livro Único», remodelação do funcionamento das escolas, alargamento da escolaridade obrigatória foram, entre outros, grandes passos que só o 25 de Abril tornou possíveis.**

**Mas tudo isso depressa se viu, não canalizado, aproveitado, estimulado, mas pouco a pouco reprimido ou, pelo menos, refreado, sob o pretexto da «confusão», da «desordem», do «caos», que, inegáveis embora, não eram, nem confusão, nem desordem, nem caos, mas simplesmente a forçosa perturbação, que ninguém aprovará como tal, mas se sabe transitoriamente inevitável, quando se pretende saltar da mais negra e prolongada opressão para um clima de liberdade.»**

---

<sup>153</sup> *Jornal Novo* 29/5/1975 -RI-DA-3-Doc5

<sup>154</sup> *Diário de Lisboa*, 3/10/1977 -RI-DA-3-Doc19

<sup>155</sup> *Diário Popular*, 14/10/1977 - RI-DA-3-Doc25

<sup>156</sup> *Diário Popular*, , 20/10/1977 - RI-DA-3-Doc26

<sup>157</sup> *Diário Popular*, 21/10/1977 - RI-DA-3-Doc27

<sup>158</sup> *Diário de Lisboa*, 25/10/1977 - RI-DA-3-Doc29

<sup>159</sup> *O Jornal Lisboa*, 11/11/1977 - RI-DA-3-Doc31

<sup>160</sup> *Diário Popular*, 25/1/1978 - RI-DA-3-Doc44

<sup>161</sup> *Voz do Povo*, 25/4/1979 RI-DA-3-doc-89

Em 1986, afirmará claramente: **De facto, não tenho qualquer responsabilidade no que se passa hoje no ensino, excepto no ter contribuído para a criação de uma cadeira, como por exemplo Educação Visual, e doutra, Música, que infelizmente me parece que continua a não existir no ponto com que sonhavam os meus colaboradores.**<sup>162</sup>

Nesta altura, de facto, a disciplina de **Introdução à Política** (contra a qual o PPD se insurgia desde 1975) já não existia. Mas valerá a pena lembrar que os autores do programa foram: Sottomayor Cardia e António Reis, ambos militantes do PS, um futuro ministro da Educação, o outro futuro Secretário de Estado da Cultura. Por sinal, um ex-PCP e o outro anteriormente a ele muito ligado. E os autores dos textos de apoio: Octávio Augusto Quintela, António Barreto, Manuel José do Carmo Ferreira, João Bonifácio Serra. De diversas orientações políticas, de esquerda evidentemente – do PS ao MES, passando pelo PCP, e nem todos com filiação partidária. Trabalho que desapareceu de quase todos os CVs públicos destas personalidades...

Em 1977 e 1978 sobretudo, anos de viragem, MD escreve abundantemente sobre o que vai acontecendo ao passado no presente, feito por aqueles cuja memória do passado não existe ou não conta, ou querem talvez regressar a ele. Por exemplo:

**Já não é só apreensão**<sup>163</sup> (sobre o assassinato de Dias Coelho e o julgamento dos seus assassinos), **Fascismo?! Fascistas?!**<sup>164</sup> (a partir do livro de Eduardo Lourenço *O fascismo nunca existiu*), **Legalmente assassinado**<sup>165</sup> (escrito no regresso do funeral de Jorge Morais, jovem da UDP, aluno do Liceu Camões, assassinado pela polícia em 10 de Junho de 1978), **Mais um acto das apagadas solenidades**<sup>166</sup> (sobre o julgamento dos assassinos de Humberto Delgado).

E porque a memória está viva, e o presente também vive dela, tomará posições públicas várias, pela liberdade da informação em risco ou contra o regresso de Américo Tomás, o que nem todos os intelectuais fizeram...<sup>167</sup>

E escreverá poemas sobre esta situação, sobre o fácil, facilitado, desejado?, regresso do passado, que publicará em *Terceira Idade*. Alguns foram publicados, antes de aparecerem em livro, na imprensa<sup>168</sup>.

---

<sup>162</sup> Entrevista a Maria Júlia Guerra, programa «De mãos dadas», RDP, 1/5/1986

<sup>163</sup> *Diário de Lisboa*, 7/1/1977 - RI-DA-3-Doc11

<sup>164</sup> *Diário de Lisboa*, 6/1/1978 - RI-DA-3-Doc42

<sup>165</sup> *Diário de Lisboa*, 14/6/1978 - RI-DA-3-Doc50

<sup>166</sup> *Voz do Povo*, 17/10/1978 - RI-DA-4-Doc41

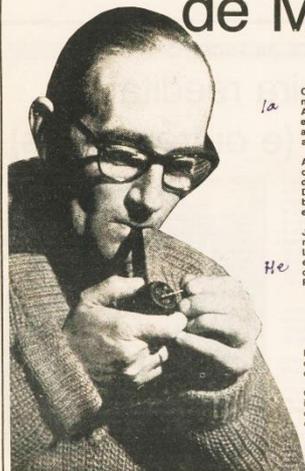
<sup>167</sup> «Intelectuais dizem “não” ao regresso de Tomás», *Diário de Lisboa*, 1/6/1978 - RI-SA-5-Doc157 – Ver tb: RI-OA-D-2-Doc015, RI-OA-D-2-Doc015 A (PCP contra este movimento). Assunto referido no Diário.

<sup>168</sup> «Sete poemas de Mário Dionísio», *O Jornal*, 12/5/1978 - RI-DA-3-Doc49; «Dois poemas inéditos de Mário Dionísio», *Diário de Lisboa*, 19/3/1981 - RI-DA-3-Doc72

DOIS POEMAS INÉDITOS

de Mário Dionísio

MARÇO DE 78



la  
Oh que cheirinho a antigamente  
neste cair de noite na cidade  
As bruxas saem das tocas  
e escaramuchadas em brocas  
atravessam vorazmente  
a nossa perplexidade

Altos carros de sombra estacionados  
com maxilares de gruas  
demarcam campos de acção  
De polegares no cinturão  
bandos de furtos fardados  
esperam nas esquinas das ruas

He  
Já quem passa olha e, não vê  
não responde nem pergunta  
Lembra-lhe bem o que teve  
este cheirinho de o que houve  
dá-lhe a chave do que lê  
Poiar sem mudança nunca

Al que cheirinho real  
às mortes pela calada  
Abutres logados dilam  
sentenças que ressuscitam  
contra a lei o arraiá  
dos netos de Torquemada

Regressam os saneados  
sem miasmas dos lodos  
O que é passado passou  
Dão-se as mãos o galo e o grou  
Cheguem-me nesses explorados  
que Portugal é de todos

JANEIRO DE 81

Foi hoje a enterrar  
o velho funcionário  
com honras militares

Cercavam-no os seus pares  
Impunemente  
de morte ameaçando  
quem tal via

Do crime funcionário  
chegou ao fim aproveitando  
a apatia conveniente  
instituída

A teia da vergonha entretecida  
de espanto empesta o ar  
Viva a democracia!

Mário Dionísio

(Março de 78)

Que nojo São carcaças  
de gente morta por dentro  
Escondem mucos pegajosos  
que empestam toda a paisagem

São abutres pelados são caraças  
de olhos vítreos de intenção  
são bostas de sangue e o centro  
de onde mana a corrupção  
Só nunca serão carrascos  
porque lhes falta a coragem

O medo os faz silenciosos  
pelas costas atrevidos  
Movem-nos ódios e ascos  
flatulências de ambição  
pequeninhas verrinosas  
gordurosos retraídos

São fura-greves são espias  
vaidosos de ser pisados  
segregam epidemias  
de vergonha São repolhos  
de gangrena engravatados  
São piolhos são piolhos  
são piolhos

Pior que não cantar  
é cantar sem saber o que se canta

Pior que não gritar  
é gritar só porque um grito algures se levanta

Pior que não andar  
é ir andando atrás de alguém que manda

Sem amor e sem raiva as bandeiras são pano  
que só vento electriza  
em ruidosa confusão  
de engano

A Revolução  
não se burocratiza

### 3.

## A memória pode servir para fazer coisas que nunca foram feitas, mas só se acreditarmos numa utopia que, realizada, deixa de o ser e que, não realizada, continua a sê-lo. («a revolução não se burocratiza»)

Leiam-se as duas entrevistas já citadas (p. 6)<sup>169</sup>.

Os muitíssimos textos de MD na imprensa, sobretudo em *O Jornal* e *Diário de Lisboa*, mas não só, pelas alturas do pós-PREC (lembre-se que MD também criticou o PREC), e mesmo depois, têm uma perspectiva crítica e desiludida sobre o que está a acontecer, crítica que tem como referência uma «utopia» que MD chegou a pensar que em parte se realizaria mas que não se realizou. Os títulos dirão um pouco do muito que se poderia dizer sobre o papel da «utopia» na vida de quem acha que a memória serve talvez para alguma coisa:

**O peso da indiferença<sup>170</sup>, Democracia e prepotência<sup>171</sup>, O círculo vicioso<sup>172</sup>, Simplismo e realidade<sup>173</sup>, Crónica de Verão<sup>174</sup>, Cartas ao director<sup>175</sup>, Descobrir o descoberto<sup>176</sup>, Enquanto é tempo<sup>177</sup>, Questões de linguagem<sup>178</sup>, Fim-de-semana<sup>179</sup>, Sob o signo da originalidade<sup>180</sup>, Sem liberdade de informação não há democracia<sup>181</sup>, Inter-acção e qualidade<sup>182</sup>, A lição de sempre<sup>183</sup>, Saber perder, poder (ou não) ganhar<sup>184</sup>, Em quem votar<sup>185</sup>, Jornalismo vespertino era muito interessante<sup>186</sup>, Viver apaixonadamente a liberdade<sup>187</sup>, Por alguma razão os antifascistas que mais conseguiram resistir aos sectarismos denodadamente lutaram pela**

---

<sup>169</sup> LOUÇÃ, Francisco, «Não se pode viver sem utopia», *Combate*, Jul.-Ago. 1988 - PP25. A-Arm1-Cx.47-COMB. Reeditada numa edição *Combate*, c./ texto de António Pita, em homenagem a MD, na altura da morte de MD; SERRANO, Miguel, LETRIA, José Jorge, «Não percebo como é que se pode viver sem utopia», *O Diário*, 10/12/1988-RI-DA-4-Doc13

<sup>170</sup> *Jornal Novo*1/7/1975 - RI-DA-3-Doc9

<sup>171</sup> *O Jornal*, 22-28/7/1977 - RI-DA-3-Doc12

<sup>172</sup> *O Jornal*, 12-18/8/1977-RI-DA-3-Doc13

<sup>173</sup> *Diário de Lisboa*, 17/8/1977 - RI-DA-3-Doc14

<sup>174</sup> *O Jornal*, 26/8/1977- RI-DA-3-Doc15

<sup>175</sup> *Diário de Lisboa*, 1/9/1977 - RI-DA-3-Doc16

<sup>176</sup> *O Jornal*, 7/10/1977 - RI-DA-3-Doc22

<sup>177</sup> *Diário Popular*, 7/10/1977 - RI-DA-3-Doc23;

<sup>178</sup> *Diário de Lisboa*, 12/10/1977 - RI-DA-3-Doc24

<sup>179</sup> *O Jornal*, 30/12/1977 - RI-DA-3-Doc40

<sup>180</sup> *O Jornal*, 27/1/1978 - RI-DA-3-Doc43

<sup>181</sup> *Liberdade de Informação* n.º 1, 2/4/1979 - RI-DA-4-Doc40

<sup>182</sup> *Intervenção*, Maio-Jun. 1979 - PP032. A-Arm1-Cx.48-INT

<sup>183</sup> *O Jornal*, 21-27/12/1979- RI-DA-3-Doc62

<sup>184</sup> *Diário de Lisboa*, 20/10/1980, - RI-DA-3-Doc69

<sup>185</sup> *O Jornal*, Lisboa, 11/11/1981- RI-DA-3-Doc71

<sup>186</sup> *A Capital*, 21/02/1991 - RI-DA-4-Doc7

<sup>187</sup> *JL*, 28/12/1985 - RI-DA-3-Doc85

**defesa da cultura – de toda a cultura**<sup>188</sup> (resposta ao inquérito «há uma cultura de esquerda?»), **Porquê «fronteiras» e porquê «portuguesa»?**<sup>189</sup>, **Que nome para o Teatro Nacional?**<sup>190</sup> (a resposta é Almeida Garrett – e não D. Maria); [**Resposta ao inquérito «Que pensa da actual crise? Como sair dela?»**]<sup>191</sup>, **A censura pode estar bem perto**<sup>192</sup> (a propósito da apreensão do jornal *Voz do Povo*), **Neutralidade ou intervenção**<sup>193</sup> (dir. da publicação: Pedro Cabrita Reis), **Mário Dionísio e a desintervenção do DL – Manobras pacóvias mas graves**<sup>194</sup>, **Mário Dionísio: «um crime de abuso de poder»**<sup>195</sup>, contra a exoneração de Jacinto Baptista, «"Então o que é isto? Voltámos à censura?"» - depoimento sobre a suspensão do programa «Os anos do século» na RTP<sup>196</sup>, **Reflexões sobre as eleições e seu resultado – Chuva triste no molhado**<sup>197</sup>.

E também, de 1975: ... **tudo o que ponha em perigo a liberdade total da criação é francamente indesejável**<sup>198</sup> (entrevista-inquérito sobre o ofício de escrever), C. A., **A revolução cultural**<sup>199</sup>, mesa redonda em que participaram Ramiro Correia, Natália Correia, Artur Portela, Eduardo Prado Coelho e MD.

E mais tarde: entrevista a Augusto M. Seabra - **Fui sempre anti-stalinista**<sup>200</sup>.

Talvez o único texto «esperançoso» pelo meio disto tudo seja: **Comunicado do CR de 21 de Junho - Desatar o primeiro nó**<sup>201</sup>.

O discurso que MD fez no Mercado do Povo num jantar de «escritores antifascistas» (Jun. 1977), a convite da Célula dos Escritores da DORL do PCP, sem ter sido convidado para o fazer, talvez seja sintomático de mil e uma dificuldades que hoje ainda existem: **Escritores antifascistas no Mercado do Povo - «O dirigismo compromete a cultura mesmo quando quer salvá-la» – afirmou Mário Dionísio**<sup>202</sup>. Por este discurso, muitos felicitarão MD, até por escrito. Gregos e troianos.

A participação na Conferência Internacional de Intelectuais pela Paz em Wroclaw, Polónia (em Out. 1978), organizada pelo Congresso Mundial da Paz<sup>203</sup> é a última participação de Mário Dionísio a convite deste tipo de organizações e dirá muito ainda do que foi esta espécie de «esperança», que deriva da força que, para ele, tem a «utopia».

<sup>188</sup> *Diário Popular* 23/9/1976 - RI-DA-4-Doc45

<sup>189</sup> *Opção*, 24/11/1977 - RI-DA-3-Doc36-001/002

<sup>190</sup> *Diário de Lisboa*, 23/12/1977-RI-DA-4-Doc44

<sup>191</sup> *Diário de Lisboa*, 15/7/1978 - RI-DA-4-Doc43

<sup>192</sup> *Voz do Povo*, 27/12/1978 - RI-DA-3-Doc56

<sup>193</sup> *Arteopinião* Jan. 1979 - PP045. A-Arm1-Cx.48-AO

<sup>194</sup> *Diário de Lisboa*, 18/1/1979 - RI-DA-3-Doc58

<sup>195</sup> *Diário Popular*, 2 /3/1979 - RI-SA-5-Doc135

<sup>196</sup> *O Diário*, 8/3/1979 - RI-DA-4-Doc38. MD foi testemunha de defesa do realizador, José Elyseu.

<sup>197</sup> *O Jornal*, 17/10/1980 - RI-DA-3-Doc67

<sup>198</sup> *Diário Popular*, 22/5/1975 - RI-DA-4-Doc49

<sup>199</sup> *Jornal Novo*, 15/7/1975, e 16/7/1975 - RI-DA-4-Doc47 e Doc48

<sup>200</sup> *Expresso-Actual*, 24/4/1982 - RI-DA-4-Doc32-001/002

<sup>201</sup> *Jornal Novo*, 24/6/1975 - RI-DA-3-Doc8

<sup>202</sup> *Diário de Lisboa*, 20/6/1977 - RI-SA-5-Doc167.

<sup>203</sup> DOS-CMP; MD, «Os erros dos que me são mais próximos nunca me farão cair nos braços do inimigo», *O Jornal*, 13/10/1978 - RI-DA-4-Doc42; «Na conferência de Wroclaw – Mário Dionísio evocou Alves Redol e lamentou ausência do maestro Victorino de Almeida» [proibido de se deslocar a Wroclaw], *Diário de Lisboa*, 11/10/1978-RI-SA-5-Doc141

Mas é talvez a aceitação do cargo de Director de Programas da RTP que diz melhor desta sua ideia de utopia, possível (ou impossível) de realizar. Convidado mais de um mês antes do 25 de Novembro, só toma posse quase um mês depois, quando já tinham sido suspensos muitos funcionários da RTP, na sequência do 25 de Novembro. Estará lá 3 meses. Demite-se em Março de 1976<sup>204</sup>. Saída mais noticiada do que a entrada<sup>205</sup>.



MÁRIO DIONÍSIO ENFRENTA (POR DENTRO) A REALIDADE TELEVISIVA NACIONAL E PROCURA TRANSFORMÁ-LA NUMA ARMA DE CULTURA AO SERVIÇO DO POVO

As alterações, desde há meses de um trabalho de preparação para a T.V. Nacional, necessitam de tempo para atingir o nível de qualidade de programação da RTP. Entretanto, "Tem muito pelo qual a televisão portuguesa seja melhor do que a actual. Mas antes de pôr a mão à obra, é preciso estudar a situação e fazer um diagnóstico claro, abrangente e realista da realidade da televisão portuguesa. Não se trata de fazer um diagnóstico "resumo" a que se acrescenta uma lista de tarefas, ou de fazer um plano de trabalho. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível."



Mário Dionísio a "O Jornal" sobre a TV Segundo programa deixa de ser um "saco de repetições"

Os conteúdos da televisão portuguesa são, em geral, muito pobres. O segundo programa da RTP é, sobretudo, um "saco de repetições". É preciso que haja uma mudança de atitude. A televisão portuguesa deve ser encarada como um instrumento de cultura e de educação. Não se trata de fazer um diagnóstico "resumo" a que se acrescenta uma lista de tarefas, ou de fazer um plano de trabalho. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível."



MÁRIO DIONÍSIO EM ENTREVISTA A «LUTA» A RTP tem de ter uma posição contrária a sectarismos de qualquer espécie

"É preciso que a televisão portuguesa seja encarada como um instrumento de cultura e de educação. Não se trata de fazer um diagnóstico "resumo" a que se acrescenta uma lista de tarefas, ou de fazer um plano de trabalho. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível."

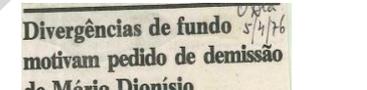


"A TV é na verdade uma fábrica - mas de carácter muito particular"

Os conteúdos da televisão portuguesa são, em geral, muito pobres. O segundo programa da RTP é, sobretudo, um "saco de repetições". É preciso que haja uma mudança de atitude. A televisão portuguesa deve ser encarada como um instrumento de cultura e de educação. Não se trata de fazer um diagnóstico "resumo" a que se acrescenta uma lista de tarefas, ou de fazer um plano de trabalho. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível."



Mário Dionísio abandona a Televisão CONCEPÇÕES INCONCILIÁVEIS NA ORIGEM DA DEMISSÃO



Divergências de fundo motivam pedido de demissão de Mário Dionísio

Os conteúdos da televisão portuguesa são, em geral, muito pobres. O segundo programa da RTP é, sobretudo, um "saco de repetições". É preciso que haja uma mudança de atitude. A televisão portuguesa deve ser encarada como um instrumento de cultura e de educação. Não se trata de fazer um diagnóstico "resumo" a que se acrescenta uma lista de tarefas, ou de fazer um plano de trabalho. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível. É preciso, antes de tudo, estabelecer o nível de qualidade que se pretende atingir e a forma de atingir esse nível."



MÁRIO DIONÍSIO JUSTIFICA A SUA DEMISSÃO



MÁRIO DIONÍSIO JUSTIFICA A SUA DEMISSÃO DA RTP

204 A-APU-CO-D-RTP

205 Sobre a entrada: Pacheco de Andrade, «Mário Dionísio ao "Diário Popular": A necessidade de reestruturação vai de cima para baixo - Toda a televisão tem de ser alterada», *Diário Popular*, 5/1/1976 - A-APU-CO-D-RTP-Doc114. C./ chamada de 1.ª p: «TV antes do 25 de Abril: "uma obra de ajuda a um governo que governava contra a vontade do povo" - diz Mário Dionísio ao "Diário Popular"». Manuel Giraldes, «Mário Dionísio em entrevista a «Luta» - A RTP tem de ter uma posição contrária a sectarismos de qualquer espécie», *A Luta*, Lisboa, 6/1/1976 - A-APU-CO-D-RTP-Doc113. A. Duarte Ramos, «Mário Dionísio - uma nova TV em Portugal?», *Tele-semana*, 19-25/1/1976 - A-APU-CO-D-RTP-Doc110. «Mário Dionísio a «O Jornal» sobre a TV - Segundo programa deixa de ser um «saco de repetições», *O Jornal*, 20/2/1976 -A-APU-CO-D-RTP-Doc066.

Sobre a saída: M. G., «Mário Dionísio justifica a sua demissão - Fui absorvido por problemas administrativos, técnicos e burocráticos», *A Luta*, 6/4/1976 -A-APU-CO-D-RTP-Doc040, «Mário Dionísio: exemplo da demissão: "A TV é na verdade uma fábrica - mas de carácter muito particular"», *Diário de Lisboa*, 6/4/1976-RI-DA-4-Doc86; A-APU-CO-D-RTP-Doc020; A-APU-CO-D-RTP-Doc036. «Por não querer ser "gestor de empresa" Mário Dionísio saiu da RTP», *Diário de Lisboa*, 5/4/1976. «A TV é na verdade uma fábrica - mas de carácter muito particular», *Diário de Lisboa*, 6/4/1976).

A sua substituição por Carlos Cruz foi bastante vitoriosa, por gregos e troianos. Ainda hoje o é. Mário Dionísio, que acreditou que conseguiria mudar, demitiu-se com a certeza de que não era possível. Uma excepção no noticiar deste caso: a *Gazeta da Semana*, dirigida por João Martins Pereira<sup>206</sup>.

Adelino Gomes, que saiu da RTP, na mesma altura em que MD saiu, mas por outras razões, fez há pouco tempo, na Casa da Achada, uma notável sessão sobre a passagem de MD pela RTP. Para a fazer, leu o diário todo de MD dessa época, que é grande e pormenorizado, muitos documentos. Percebeu. Gostou. Foi dita muita coisa a quem se interessou em saber. Não vou repetir (pior do que foi dito). Chamou a atenção para a ideia que MD tinha para uma outra televisão, quando era ainda a preto e branco, funcionava só umas horas por dia e não era «concorrente» das privadas que só nasceriam mais tarde. Uma nova televisão que se basearia nisto:

### **Que televisão quer MD fazer?**

***D. Popular: A necessidade de reestruturação vai de cima a baixo - Toda a Televisão Tem de Ser Alterada***<sup>207</sup>

***O Jornal: Apartidarismo, antifascismo e exigência de qualidade***<sup>208</sup>

***Luta: A RTP tem de ter uma posição contrária a sectarismos de qualquer espécie***<sup>209</sup>  
(em resumo)

**Na RTP – Cultura ao serviço do povo**<sup>210</sup> - *Diário de Lisboa* (27-12-1975)

**Uma nova televisão em Portugal**<sup>211</sup> - *Telesemana* (25-1-1976)

Uma «utopia» para a qual a memória conta, digo eu aqui, nesta conversa que é sobre a função da memória.

Vale a pena saber este pormenor: MD no seu diário conta que, ao regressar a casa depois de não sabe quantas horas de trabalho, para pôr de pé aquilo que hoje poderemos chamar uma «utopia», de que era «responsável», via anunciados na TV programas que tinham sido postos de fora. Por exemplo, coisa normal na RTP de hoje... e das prioridades do seu arquivo na net:

**Antes de fechar a emissão, a locutora anuncia que amanhã, às 18, em vez de desenhos animados, se passará um filme sobre João Núncio! Dou um pulo. Mais uma rasteira. Quem autorizou esta alteração? Não tenho o telefone dos estúdios. Falo para o Ten. Gerales que fica de resolver o assunto. Não haverá João Núncio**<sup>212</sup>.

<sup>206</sup> «Censura na Televisão», *Gazeta da Semana*, 8/4/1976

<sup>207</sup> Pacheco de Andrade, «Mário Dionísio ao “Diário Popular”: A necessidade de reestruturação vai de cima para baixo – Toda a televisão tem de ser alterada», *Diário Popular*, 5/1/1976 - A-APU-CO-D-RTP-Doc114

<sup>208</sup> «Mário Dionísio a “O Jornal” sobre a TV – Segundo programa deixa de ser um «saco de repetições», *O Jornal*, 20/2/1976 -A-APU-CO-D-RTP-Doc066

<sup>209</sup> Manuel Giraldes, «Mário Dionísio em entrevista a “Luta” – A RTP tem de ter uma posição contrária a sectarismos de qualquer espécie», *A Luta*, Lisboa, 6/1/1976 - A-APU-CO-D-RTP-Doc113

<sup>210</sup> «Mário Dionísio na RTP – «Cultura ao serviço do povo», *Diário de Lisboa*, 27/12/1975 - A-APU-CO-D-RTP-Doc127

<sup>211</sup> A. Duarte Ramos, «Mário Dionísio – uma nova TV em Portugal?», *Tele-semana*, 19-25/1/1976 - A-APU-CO-D-RTP-Doc110

<sup>212</sup> MD, *Diário*. 14/2/1976

O programa sobre Cultura durante o fascismo, com contrato assinado e de que já falámos, nunca existiria, como outros. E o programa sobre o aborto da Cinequipa, emitido em 1976, quando MD lá estava, acabaria no tribunal. Processo a Maria Antónia Palla. Absolvida em 1979, num julgamento com duas testemunhas de defesa, entre muitas outras, que foram MD e Augusto Abelaira, também da Direcção de Programas (chamado por MD) e que continuou lá depois de MD ter saído.

MD escreveria sobre televisão, instrumento a que dava importância, depois de lá ter saído. Lembro: **O fascismo, a cultura e a TV**<sup>213</sup>, **Televisão: verso e reverso**<sup>214</sup>, nos 20 anos da RTP, **Cultura? Pouco ou nada**<sup>215</sup>, nos 25 anos da RTP.

Por estar ligado a tudo isto, o 25 de Abril passou a ser para MD, a partir de 1979, um assunto em que a memória, também a recente, podia servir para dizer, para ajuizar, para fazer ou não fazer.

A ler, pelo menos: **25 de Abril e a nova resistência**<sup>216</sup>, discurso de MD no Salão dos Bombeiros de Oeiras, em sessão de dinamização do Monumento ao 25 de Abril a construir pela CM Oeiras; **Nossa força decisiva é dar efectivamente as mãos**<sup>217</sup>, texto lido na primeira sessão organizada pela Comissão Nacional pela Liberdade de Imprensa no Teatro Adoque, em Lisboa, em 5/4/1979; **Seis anos depois e antes de**<sup>218</sup>; resposta a inquérito **Oito anos depois: os intelectuais e a revolução**<sup>219</sup>.

Poderia terminar com um extracto do «Auto-retrato» de MD, escrito na 3ª pessoa, em 1990, em que ele se define assim:

**... o tal vício maior de gostar de brincar com o lume, ou seja, uma actividade permanente em desafio a si próprio e em sentidos diferentes, com a mesma paixão ou teimosia: professor (44 anos!), militante político, que continuou a ser mesmo depois de, por discordâncias de metodologia, se ver ou julgar sozinho, ensaísta de pendor polemizante, ficcionista, poeta – antes e depois de tudo, melhor: em tudo –, pintor, agora a tempo inteiro.**<sup>220</sup>

Aqui também a memória entrou e talvez esta memória sirva um dia para alguma coisa que não para o culto da «saúde». Há tanta confusão...

Mas prefiro terminar com este poema de *Terceira Idade*:

---

<sup>213</sup> *O Jornal* 30/9/1977 - RI-DA-3-Doc17

<sup>214</sup> *Tele-semana* 27/7/1978 - PP037. A-Arm1-Cx.48-Tele

<sup>215</sup> *TV TOP* n.º 59, Lisboa, 19/4/1982 - RI-DA-4-Doc33

<sup>216</sup> *Notícias da Amadora* 24/2/1979 - RI-DA-3-Doc59

<sup>217</sup> *O Jornal*, 12/4/1979 - RI-DA-3-Doc88

<sup>218</sup> *O Jornal*, 25/4/1980 - RI-DA-3-Doc66

<sup>219</sup> *Portugal Hoje*, 24/4/1982 - RI-DA-4-Doc35

<sup>220</sup> MD, «Auto-retrato», *Diário de Lisboa*, 2/1/1990 - RI-DA-3-Doc98

*Em tempo e à margem se declara*

*que o abaixo assinado  
ao evocar*

*saudosamente o que houve um dia ou nem chegou a haver senão  
sonhado*

*não o chora É tudo um recear  
que ao futuro entre mãos rapaces preparado  
falte ar puro e água muito clara  
na paisagem*

*Não está preso ao passado quem avança  
Mas que abra a marcha um riso de criança*

*Mário Dionísio, Terceira Idade*



Abril 2017

# ciclo um homem na revolução Mário Dionísio e o 25 de Abril



**25 ABRIL**  
ao fim da tarde

**Tenho mais de mil amigos**  
convívio e canções por aí há tasco!

às 18h30 inaugura a exposição-venda  
**UMA OBRA PARA AS OBRAS**

**qui 13 ABR 18h30**  
histórias da História:  
Os nazis não morrem na cama  
com Sebastião Lima Rego

**sáb 29 ABR 16h**  
Mudar a escola:  
uma barafunda?  
debate aberto

oficina  
pensar e listar, discutir e filmar,  
cortar e colar, ver e falar  
com Cátia Salgueiro e outros  
dom 9, 16, 23 e 30 às 15h

ciclo de cinema  
um homem na revolução:  
Mário Dionísio e a RTP  
segundas-feiras às 21h30

**3 ABR**  
A JINHA GERAL  
de Sergei Eisenstein

**10 ABR**  
OS DEZ MIL SÓIS  
de Terence Koba

**17 ABR**  
O DELÍM  
de Fernando Lopes

**24 ABR**  
O ABORTO NÃO É UM CRIME  
de Cinequipa



Maio 2017

# ciclo um homem na revolução Mário Dionísio e o 25 de Abril



**sáb 13 MAI 16h**  
conversa  
Mário Dionísio na RTP  
por Adelino Gomes

ciclo de cinema  
um homem na revolução:  
Mário Dionísio e a RTP  
segundas-feiras às 21h30

**8 MAI**  
OS ANOS DO SÉCULO:  
"A GUERRA INÚTIL"  
de José Elyscu

**15 MAI**  
CANTIGAMENTE N.º 1  
de Fernando Lopes



Junho 2017

a Casa da Achada está  
fechada até 29 de Junho,  
mas faz sessões fora

# ciclo um homem na revolução Mário Dionísio e o 25 de Abril



**sáb 3 JUN 14h30**  
passioio com leituras

**A Lisboa de Mário Dionísio**  
no pós 25 de Abril  
por Lapremio Scarpa e outros  
ponto de encontro: **Liccu Carnões**  
- Praça José Fontana, Lisboa

**sáb 24 JUN 16h**  
conversa, leituras, música

Os amigos desconhecidos:  
**José Carlos Schwartz**  
a várias vozes  
no **Atelier Aberto**  
- R. S. José da Mata, 59, Lisboa

**sáb 17 JUN 18h30**  
conversa

Para que pode servir a memória:  
a intervenção de Mário Dionísio no pós-25 de Abril  
por Eduarda Dionísio  
no Teatro da Cerca de São Bernardo  
- Coimbra

**sex 30 JUN 21h30**  
espetáculo de leituras

**Dias impossíveis de contar:**  
o diário de Mário Dionísio 24/04/74 - 24/04/76  
a várias vozes  
na Casa da Achada

↳ LISBOA

Rua da Achada, 11 - Lisboa  
www.centromariodionisio.org

↳ LISBOA

Rua da Achada, 11 - Lisboa  
www.centromariodionisio.org

↳ LISBOA

Rua da Achada, 11 - Lisboa  
www.centromariodionisio.org



a Casa da Achada reabre, depois das obras, com:

## DIAS IMPOSSÍVEIS DE CONTAR



o diário de Mário Dionísio  
de 25 de Abril de 1974 a 25 de Abril de 1976

**30 de Junho às 21h30**

sexta-feira

leituras pouco encenadas por Diana Dionísio,  
Pedro Rodrigues, Pedro Soares, Sónia Gabriel e Toni

ciclo um homem na revolução

↳ LISBOA

Rua da Achada, 11 - Lisboa  
www.centromariodionisio.org

Resolvemos disponibilizar este rascunho, ainda antes de devidamente revisto, aos mais próximos ou aos mais interessados, no último dia do ciclo «Um homem na revolução» que se realiza hoje na Casa da Achada.

30-6-2017

